

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CAROLINE CHRISTINA DE SOUZA SERPA

**“O SHOW TEM QUE PARAR!!!” A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PELA
NEGAÇÃO DO OUTRO NO TERCEIRO ESPAÇO (2000-2010)**

CURITIBA

2013

CAROLINE CHRISTINA DE SOUZA SERPA

**“O \$HOW TEM QUE PARAR!!!” A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PELA
NEGAÇÃO DO OUTRO NO TERCEIRO ESPAÇO (2000-2010)**

**Monografia apresentada ao curso de
Graduação em História, Departamento de
História, Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes da Universidade Federal do
Paraná como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel e
licenciada em História.**

**Orientadora: Prof. Dr. Karina Kosicki
Bellotti**

CURITIBA

2013

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora Karina Kosicki Bellotti, por todo auxílio, dicas, paciência com as minhas (muitas) indecisões, e pelo conhecimento que me transmitiu ao longo da graduação nas aulas e durante a orientação deste trabalho monográfico.

À minha família que eu amo muito, minha mãe que sempre me ensinou a ter responsabilidade e comprometimento com tudo o que eu acredito. Meu pai que sempre acreditou em mim, me encorajando a ser aquilo que eu sonho. Meu irmão, que é a minha metade preferida, amigo para todas as horas, que me ensinou tanta coisa, principalmente a ser uma pessoa melhor.

Aos meus amigos, pelos momentos bons, conversas, risos e alegrias, mas também ombros amigos nos momentos ruins. A todos aqueles que passaram pela minha vida deixando um pouco de si, mesmo sem perceber, e me fazendo uma pessoa muita grata por tudo que o destino se encarregou de trazer.

Ao Projeto Recriando Histórias, que me ajudou a enxergar o mundo de forma diferente, com a ajuda da professora Tânia e Jussara, sempre com palavras boas e a confiança na Educação e no papel do educador.

Agradeço também pela oportunidade de realizar a Iniciação Científica durante a graduação, bem como aos projetos de extensão que participei, oferecendo experiências enriquecedoras para a minha formação.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, pelos aprendizados, pelo ambiente acolhedor, libertário e plural.

RESUMO

Tendo como base teórico-metodológica a História Cultural das Religiões, procuro investigar o discurso produzido por dois *blogs*: “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo”, criados em 2009, buscando compreender como se constrói uma determinada identidade evangélica a partir da negação do outro pentecostal, e da afirmação de determinados valores que se consideram modelos de conduta evangélica a ser seguida. Insiro tais críticas a determinados grupos pentecostais dentro de uma longa tradição de preconceitos em relação aos evangélicos no Brasil. O presente trabalho encontra-se metodologicamente dividido em três partes: a primeira reservada a tratar dos grandes conceitos que envolvem esta pesquisa, como Religião, Mídia, Identidade e Protestantismo. Em um segundo momento, apresento as fontes históricas, seus autores, conteúdo e objetivos, bem como levanto a discussão acerca do espaço dos *blogs* como terceiro espaço. Na terceira parte, analiso postagens dos *blogs*, procurando investigar a forma como a questão da criação de identidades se insere no discurso destes agentes.

Palavras-Chave: Internet, Mídia, Pentecostalismo.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Religião, Mídia e Identidade Cultural.....	11
2.1 História Cultural das Religiões.....	11
2.2 Religião.....	12
2.3 Mídia.....	15
2.4 Mídia e Religião.....	18
2.5 Identidade.....	22
2.6 Protestantismo Histórico e Pentecostalismo.....	24
2.7 Evangélicos e usos na mídia.....	29
3. Terceiro Espaço e a formação de comunidades virtuais.....	34
3.1 “As pedras clamam”.....	34
3.2 “Uma estrangeira no mundo”.....	39
3.3 Blogs: muito mais do que diários pessoais na internet.....	43
3.4 Terceiro Espaço e as sociabilidades virtuais.....	44
3.5 Autoridade religiosa e mídia na contemporaneidade.....	46
3.6 Recusa ao pentecostalismo.....	47
3.7 Evangélicos X Pentecostais.....	48
3.8 União dos Blogueiros Evangélicos (UBE).....	49
4. Afirmação e negação de identidades.....	51
4.1 A construção de identidades pela negação do outro.....	51
4.2 A construção de identidades pela afirmação de um modelo evangélico.....	60

5. Conclusão.....	72
6. Fontes.....	75
7. Referências bibliográficas.....	76

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso crítico aos grupos evangélicos e suas práticas, presente em dois *blogs* intitulados “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo”, ambos criados em 2009 e inseri-los dentro de uma longa tradição de críticas e preconceitos em relação aos evangélicos no Brasil, devido às três principais instâncias responsáveis por veicular imagens e discursos sobre os pentecostais (mídia, hierarquia católica e os círculos acadêmicos)¹, ressaltando a especificidade de se tratar de agentes internos ao universo evangélico (não são, portanto, de fora do movimento), que realizam um resgate de valores tradicionais à fé cristã para se diferenciar e apontar os desvios e erros do pentecostalismo, buscando construir uma identidade cristã pautada na diferenciação do outro. A construção da identidade pela negação ao outro se encontra muito presente no campo evangélico, constatando-se isto é preciso saber o quanto desta negação e crítica é nova e original, e qual a parcela de repetição do passado e reiteração de velhos valores e juízos históricos se encontra presente no discurso destes autores. Procuro compreender que tipo de identidade evangélica o ciberespaço possibilita construir e devido a sua ampla repercussão no ambiente virtual e fora deste, até que ponto esses *blogs* estimulam empatias, embates e possuem força de mobilização dentro do campo evangélico?

Utilizo como suporte teórico-metodológico a História Cultural das Religiões, concebendo por religião um conceito mais abrangente que consiga abarcar diferentes grupos religiosos, sem privilegiar nenhum especificamente. A religião também deve ser entendida como conjunto de crenças e práticas sociais e, portanto, trata-se de uma construção histórica².

A mídia atual, por sua vez, também objeto de estudo, é vista segundo três conceitos que a definem: a convergência dos meios de comunicação, entrecruzamento de diferentes tecnologias antigas e recentes e agentes distintos que interagem neste espaço; cultura participativa, na qual consumidores atuam ativamente no processo midiático, juntamente com

¹ FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil : da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993., p. 6.

² BELLOTTI, K. K. Mídia, Religião e História Cultural. REVER (PUCSP), v. 4, p 100, 2004.

produtores de mídias, de forma interativa; e a noção de inteligência coletiva, referente ao conceito de Pierre Lévy, trata desta espécie de poder midiático que surge quando uma coletividade atua com seus saberes e vivências individuais, unindo tais conhecimentos para a construção coletiva de significados³.

Sobre a relação entre mídia e religião, Hoover⁴ procura mostrar como muito do que é mostrado e conhecido hoje acerca da religião e espiritualidade vem até nós através da mídia, o que permite afirmar que os limites entre religião e mídia atualmente tornam-se difíceis de traçar, uma vez que se encontram imbricados⁵. Na era da mídia atual, a cultura ganha maior autonomia e os indivíduos assumem o controle de sua religiosidade, ou seja, as questões e perguntas relacionadas à fé e à espiritualidade continuam existindo, mas em um novo formato contemporâneo⁶.

Acerca do pentecostalismo e seus diferentes grupos, Mariano subdivide-os em três ondas, respectivamente: pentecostalismo clássico (1910-1950), deuterpentecostalismo (1950-1970) e neopentecostalismo (1970-) ⁷. A expansão pentecostal no país se dá principalmente a partir da segunda metade do século XX por conta de sua emergência na política partidária, crescimento do televangelismo e dos investimentos realizados pelas igrejas em evangelização⁸. O número de pessoas que afirmam ser evangélicos aparece de maneira crescente nas pesquisas demográficas, demonstrando o declínio no número de católicos e expansão pentecostal. Esta tendência é observada desde o Censo de 1980⁹, em que o número de evangélicos vem crescendo significativamente devido ao movimento pentecostal, sendo o Brasil o maior país pentecostal do mundo atualmente¹⁰. O Brasil está, portanto, em um processo de reorganização e fragmentação do cristianismo, apontando para o favorecimento das Igrejas pentecostais, passando atualmente por um processo

³ JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009

⁴ HOOVER, Stewart M. *Religion in the media age*. New York: Routledge, 2006.

⁵ Ibidem, p. 1.

⁶ HOOVER. Op. Cit., p. 3.

⁷ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

⁸ Ibidem, p. 15.

⁹ ALTMANN, Walter. Censo IBGE 2010 e Religião. *Horizonte* (PUC Minas), v. 10, n. 28, out/dez 2012. p. 1124

¹⁰ MARIANO. Op. Cit., p. 69, 2008.

de diversificação religiosa, em que há um deslocamento de hegemonia e maior pluralidade nos grupos religiosos¹¹. O pluralismo religioso que se vivencia no Brasil não é característica exclusiva do país, pois se deve ao surgimento de novos grupos religiosos tendo que conviver com religiões tradicionais em um momento de crescente secularização.

Levando-se em conta a grande presença de *blogs* na atualidade, faz-se necessário entender de que forma estes se apresentam na blogosfera e quais seus diferentes formatos e objetivos. Além de *blogs*, as páginas analisadas podem ser vistas também como formas de terceiro espaço. Para descrever o espaço digital em que se desenvolvem tais relações com a religião utiliza-se o termo “terceiro espaço” para expressar a ausência de um local físico específico, e também a noção de algo mais conceitual como um espaço imaginado¹². Apesar de se tratar de um espaço não-concreto, tais lugares podem dar origem a novas estruturas espaciais e práticas que partem deste universo conceitual e se tornam “reais” através do trabalho interativo que ocorre neste meio¹³. Os terceiros espaços de religião digital podem ser vistos também como espaços periféricos que criam novas maneiras de religiosidade e fé, como forma de resistência à autoridade religiosa¹⁴.

Para compreender a recusa destes agentes ao discurso e lógica pentecostal, precisam ser analisados alguns elementos constitutivos do pentecostalismo que geram tais críticas e negação ao seu formato, como sua organização empresarial e aspectos constitutivos de sua teologia que se relacionam com o sistema capitalista.

No capítulo um foram tratados os grandes conceitos que permeiam esta pesquisa, como Religião, Mídia, Identidade, Protestantismo e Pentecostalismo. No capítulo dois, apresento as fontes, analisando os *blogs* como espaços de crítica e ação dos sujeitos e também como terceiro espaço. No terceiro capítulo analiso postagens dos *blogs* referentes às temáticas de exploração financeira

¹¹ ALVES, José Eustáquio Diniz; Barros, L.F.W ; CAVENAGHI, S. M. . A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. *Rever* (PUCSP), v. 12, 2012, p. 145.

¹² HOOVER, Stewart M; ECHCHAIBI, Nabil. The “third spaces” of digital religion, Center for Media, Religion and Culture, University of Colorado, 2012. p. 5.

¹³ *Ibidem*, p. 6.

¹⁴ *Ibidem*, p. 24.

dos fiéis, acumulação de riquezas pelos pastores e líderes pentecostais, deturpação teológica e “mercantilização” da religião, procurando compreender os argumentos que estes agentes utilizam para criticar o pentecostalismo e, conseqüentemente colocar-se em uma posição superior e legítima, reivindicando para si uma identidade próxima ao protestantismo histórico, que se configura em um novo formato, agora pautado pelo ciberativismo.

Procuro investigar a forma como se cria uma identidade baseada na negação e demonização do outro, e a contradição presente no grupo analisado ao criticarem elementos arrivistas presentes nos grupos pentecostais, mas inevitavelmente se assemelhando a estes realizando a mesma forma de "guerra santa" dentro do campo evangélico. Outro aspecto importante a se analisar é a maneira pela qual estes agentes utilizam o ambiente virtual para formação de uma comunidade ativa e engajada no resgate aos princípios cristãos, modificando a esfera religiosa que os circunda, gerando uma força de mobilização no meio evangélico.

2. Religião, Mídia e Identidade Cultural

2.1 História Cultural das Religiões

A História Cultural define-se por um campo de pesquisas que surge em reação a algumas correntes historiográficas como a História Social Marxista da década de 1960, a História das idéias desprendida da questão das relações sociais e a abordagem quantitativa e economicista da Escola dos Annales. O que influenciou tal posicionamento foi principalmente o contato com a Antropologia Cultural e a perspectiva da “narrativa histórica” dentro da escrita historiográfica¹⁵. As características desta área de estudos são, principalmente, a negação da existência de um sujeito universal na História; bem como do papel determinante das classes sociais no decorrer do tempo; a afirmação de que a História é um discurso construído, diferente da perspectiva de História como verdade; e a desconstrução de categorias generalizantes¹⁶.

Como se pensar, então, a questão da religião sobre o prisma da História Cultural? Primeiramente, é preciso assumir um conceito mais abrangente de religião, que consiga abarcar diferentes grupos religiosos, sem privilegiar nenhum especificamente. A religião também deve ser entendida como crenças e práticas sociais e, portanto, trata-se de uma construção histórica¹⁷. Da mesma forma, de que maneira pode se analisar a mídia (instrumento pela qual a religião crescentemente tem se manifestado atualmente), principalmente a mídia evangélica, que é o enfoque do presente trabalho, na perspectiva dos Estudos Culturais? A crítica da linguagem midiática faz-se fundamental para entender que não há neutralidade nestes discursos, mas trata-se de um objeto com múltiplos significados¹⁸. A representação também aparece como um conceito importante para compreender as relações entre mídia e religião, pois abordar as representações na mídia evangélica significa também tratar de identidades religiosas, que são flexíveis, múltiplas e dinâmicas¹⁹. Isto auxilia a

¹⁵ BELLOTTI, K. K. Mídia, Religião e História Cultural. REVER (PUCSP), v. 4, p. 97, 2004.

¹⁶ Ibidem, p. 98.

¹⁷ Ibidem, p. 100.

¹⁸ Ibidem, p. 102.

¹⁹ Ibidem, p. 108.

pensar os evangélicos no Brasil hoje de forma mais complexa, diferente de uma perspectiva homogeneizante. É preciso compreender os usos na mídia que estes grupos fazem em um país predominantemente católico, em que são, portanto, uma minoria religiosa, a forma como se vêem e se relacionam neste espaço midiático, e a comunicação entre produtores e receptores destas mídias²⁰. Com relação à recepção da mídia por seus variados públicos, tanto evangélicos quanto não-evangélicos (observando a pluralidade que ambos os lados possuem), pensar o receptor como um sujeito ativo, que não apenas recebe as informações de forma passiva e alienada, mas que age de forma criativa modificando tais produtos e ressignificando-os para sua própria individualidade²¹. O estudo da mídia religiosa, nesse sentido, pode se basear de maneira positiva na História Cultural, auxiliando a compreender importantes questões sobre o tema, fornecendo suporte teórico-metodológico para desenvolver uma análise tanto do campo religioso quanto o midiático, e as relações entre ambos.

2.2 Religião

Faz-se necessário, primeiramente, compreender o conceito de pós-modernidade para Bauman. Diferentemente da modernidade, marcada pela predominância da segurança individual, do controle dos impulsos para evitar o sofrimento, abrindo-se mão da liberdade pela segurança, a pós-modernidade, por sua vez, tem como valor primordial a liberdade – em especial a liberdade individual. O prazer também aparece como objetivo a ser alcançado, palavra de ordem que regula as ações humanas na pós-modernidade²². Mas segundo o princípio formulado por Freud, de que sempre se perde no ganho, e vice versa, aonde há excesso de liberdade, perde-se em segurança, fazendo com que a sociedade pós-moderna que vivemos sofra de uma falta de segurança individual, acompanhada da liberdade da busca pelo prazer.

A pós-modernidade apresenta alguns problemas para a definição do que é a religião. Duas definições muito distintas entre si nos são apresentadas por

²⁰ BELLOTTI, op. cit., p. 109.

²¹ Ibidem, p. 111, 112.

²² Ibidem, p. 8 E 9.

Bauman²³ para demonstrar o que é religião: a primeira, muito ampla, define-a como sensação de contato com um mundo distinto do nosso, que nos leva à transcendência. A segunda, bastante específica, descreve religião como um conjunto de atividades complexas de crenças²⁴. Tais delimitações não nos ajudam a compreender a religião atualmente. A pós-modernidade permite, contudo, certa indefinição, não há a necessidade tão urgente da verbalização para se compreender determinado elemento²⁵. No entanto, para tentar compreender como tais mecanismos sociais acontecem, algumas interpretações sobre o tema são expostas, como a de que a existência da religião e da crença em Deus deriva da aceitação do ser humano em sua imperfectibilidade e fragilidade diante da vida e dos mistérios do mundo²⁶. Estas preocupações que assolam o homem, por sua vez, são aliviadas na religião que, segundo Foucault, através de seus rituais e crenças leva o fiel a uma mortificação gradual durante a vida, para que renuncie a aspectos mundanos para ser recompensado em outro plano. Por isso, necessita-se deste intermediador entre o agora e o porvir, para garantir a “salvação” dos membros do seu grupo religioso. Para haver essa dependência na religião, coloca-se constantemente em questão as indagações sobre céu e inferno e salvação nas vidas diárias dos indivíduos²⁷.

A vida moderna, segundo é definida por Bauman se constitui pelo período anterior à pós-modernidade, em que a civilização e sociedade impunham grandes limites a categorias como a agressividade e sexualidade humana, prezando pela ordem e limpeza a fim de assegurar a tão prezada segurança almejada no período²⁸. Tal como é organizada, a modernidade retirou estas preocupações a que nos referimos, com questões de salvação e continuidades póstumas, de seus planejamentos. Esta é a inovação que a Era Moderna trouxe: propor aos homens apenas preocupações com as quais se pode encontrar resolução, humanamente criadas e executadas por homens e

²³ BAUMAN, Zygmunt. “Religião pós-moderna?”. In: O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

²⁴ Ibidem, p. 207.

²⁵ Ibidem, p. 208.

²⁶ Ibidem, p. 209.

²⁷ Ibidem, p. 210 e 211.

²⁸ Ibidem, p. 8.

mulheres. Nada que extrapole o poder e ação humanas²⁹. Este humanismo que introduziu a noção do ser humano no centro de tudo, em torno do qual tudo gira, e que pode moldar todas as situações conforme sua vontade acaba com a idéia de vida eterna, desviando o foco da posteridade para o presente, para a vida na terra e as experiências que se têm aqui. Isto acaba por desestruturar a religião institucionalizada, uma vez que o aqui e o agora se tornam mais importantes que o porvir³⁰. Na nova ordem racional que emergia, não havia espaço para a religião e suas finalidades, as quais são: determinar um ritmo de vida orientado por preceitos religiosos; manter fixa a estratificação social; e fornecer conhecimentos sobre a vida e morte do homem³¹.

Jean Delumeau, ao analisar a transição da cultura medieval tardia para a modernidade, observa que durante o período os padrões de comportamento e ética impostos pelos monges e clérigos se mostrava tão inviável para a maioria das pessoas “comuns”, não envolvidas em ocupações eclesiásticas, que ambicionar a vida eterna tornara-se um luxo para poucos. O medo da morte, neste contexto, ganha grandes proporções, e o desejo mórbido de presenciar torturas e execuções também, uma vez que só resta à vida esperar o momento da morte³². Com a modernidade, contudo, o deslocamento das preocupações do eterno para o agora desfaz estas inquietações através de estratégias como a separação e isolamento da morte das demais esferas da vida; a fragmentação da morte, não mais vista como uma morte monumental e assustadora, mas em pequenas ameaças diárias; e na banalização da mesma, através de sua exposição diariamente através da mídia³³.

Com o momento da morte perdendo seu significado extraordinário que possuía anteriormente, a vida em si passa a ser o grande alvo das aflições e expectativas humanas³⁴. Com tais preocupações surge a noção de identidade pessoal: da constatação do poder de criação e decisão humanas, da autonomia do homem, surgem também as inseguranças e incertezas em relação às escolhas feitas que determinam caminhos e possuem

²⁹ BAUMAN, Op. Cit., p. 212.

³⁰ Ibidem, p. 213.

³¹ Ibidem, p. 214.

³² Ibidem, p. 216.

³³ Ibidem, p. 217, 218.

³⁴ Ibidem, p. 220.

consequências com as quais se deve lidar. Por isso, a pós-modernidade traz a necessidade dos indivíduos de aconselhamento de outrem, algum especialista que possa guiar nas tarefas executadas, pois paira tanta incerteza em relação à identidade individual dos sujeitos³⁵.

2.3 Mídia

Henry Jenkins trata de três conceitos essenciais para compreender o papel e situação atual das mídias no mundo: primeiramente, a convergência dos meios de comunicação, em que diferentes tecnologias se cruzam, sejam elas antigas ou mais recentes, fazendo com que as grandes corporações midiáticas e pequenos consumidores envolvidos na mídia alternativa interajam de forma crescente³⁶. A convergência de mídias está relacionada a uma transformação cultural em que o papel dos consumidores assume uma importância crescente. Esta circulação de conteúdos por meio de plataformas distintas depende da ação dos consumidores principalmente, o que está relacionado com outro conceito de cultura participativa. Esta é uma nova forma de interação entre os consumidores e os produtores de mídia, modifica-se a idéia de que os espectadores apenas recebem as informações, sem participação no processo, apenas como receptáculos daquele conteúdo. O conceito de cultura participativa se refere a consumidores que atuam ativamente no processo midiático, juntamente com produtores de mídias, de forma interativa³⁷. A noção de inteligência coletiva, referente ao conceito de Pierre Lévy, trata desta espécie de poder midiático que surge quando uma coletividade atua com seus saberes e vivências individuais, unindo tais conhecimentos para a construção coletiva de significados³⁸. As teorias de revolução digital em alta nos anos 1990 são desmistificadas, pois se observa com a convergência das mídias que as novas tecnologias como a Internet, por exemplo, não vieram para acabar com antigos meios de comunicação como a

³⁵ Ibidem, p. 221, 222.

³⁶ JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 29

³⁷ Ibidem, p. 30.

³⁸ Ibidem, p.30.

televisão e o rádio, mas que estas diferentes mídias conviverão e interagirão crescentemente e de maneiras distintas³⁹.

A forma como a convergência de mídias está ocorrendo transforma diversos setores da sociedade e modifica a cultura popular⁴⁰, agindo não somente como uma modificação tecnológica, mas alterando significativamente a organização de indústrias midiáticas, e o modo como os consumidores participam deste processo⁴¹, ou seja: modifica-se a maneira de produzir e também e também de consumir mídia⁴². A partir do momento em que os então “consumidores” assumem o controle dos meios de comunicação, ocorre a convergência alternativa (de baixo para cima), contrariamente à convergência corporativa (que parte dos produtores para os consumidores)⁴³. Esta mudança no lugar assumido pelo público faz com que os produtores tenham que rever seu olhar em relação a eles, que se modificaram com o tempo. Esta nova audiência é agora mais ativa, conectada uns com os outros e extremamente exigente⁴⁴. O poder que os consumidores assumem nesta era de convergência de mídias e surgimento de novas tecnologias faz com que reivindiquem seu direito de participar da cultura, e é papel dos produtores se adaptarem a esta nova cultura participativa, se desejam continuar atuando como tais⁴⁵. Portanto, os espectadores esperam maior participação nas mídias, e os meios de comunicação que não conseguem se adaptar a estas novas demandas estão propensos a perder espaço e público⁴⁶.

Atualmente, vivemos um momento de rompimento com velhas formas de comunidade e vínculos, no entanto, surgem novas comunidades organizadas em torno de interesses comuns, voluntariamente⁴⁷, em que o conhecimento e experiências destes indivíduos são compartilhados nestes grupos, formando uma convergência alternativa⁴⁸. A *web* aparece, neste contexto, como um local que possibilita amplamente a participação do público, interagindo com as

³⁹ JENKINS, Op. Cit., p. 32, 33.

⁴⁰ Ibidem, p. 39.

⁴¹ Ibidem, p. 43.

⁴² Ibidem, p. 44.

⁴³ Ibidem, p. 46.

⁴⁴ Ibidem, p. 47.

⁴⁵ Ibidem, p. 53.

⁴⁶ Ibidem, p. 326.

⁴⁷ Ibidem, p. 56, 57.

⁴⁸ Ibidem, p. 92.

mídias⁴⁹, representando o espaço em que a revolução criativa dos consumidores encontrou seu ápice⁵⁰.

Com relação aos cristãos e sua relação com as mídias, observa-se que estas muitas vezes produzem e consomem uma mídia popular própria, evitando assim a dependência de produtos oriundos da indústria de entretenimento secular. Esta independência dos evangélicos com relação à mídia não-religiosa foi possibilitada pelo aparecimento de novas tecnologias com custos menores para a produção e circulação de seus materiais⁵¹.

A forma de mídia que vivenciamos atualmente se difere dos antigos meios de comunicação como a radiodifusão pelo seu caráter participativo, em que a comunicação se dá por muitas vozes, e não comandada por uma só versão dirigida a muitos indivíduos. Essa maior participação leva também ao aumento da autonomia dos sujeitos em relação aos elementos oficiais⁵². Vemos pessoas enfrentando a autoridade das instituições e o poder sendo redistribuído, saindo das mãos institucionais em direção ao povo, que possui maior poder e participação neste novo momento midiático⁵³. Contudo, existem os fatores que promovem a exclusão digital e dificultam a realização plena desta democracia que as novas mídias têm promovido, criando então as lacunas participativas, que também devem ser levados em conta ao se analisar o contexto atual da comunicação global. São fatores culturais, econômicos e sociais como raça e classe que devem ser observados ao se analisar os grupos excluídos deste processo digital⁵⁴.

2.4 Mídia e Religião

Stewart Hoover⁵⁵ demonstra como muito do que é mostrado e conhecido hoje acerca da religião e espiritualidade vem até nós através da mídia, o que permite afirmar que os limites entre religião e mídia atualmente tornam-se

⁴⁹ Ibidem, p. 190.

⁵⁰ Ibidem, p. 193.

⁵¹ Ibidem, p. 275, 276.

⁵² Ibidem, p. 288.

⁵³ Ibidem, p. 290.

⁵⁴ Ibidem, p. 342.

⁵⁵ HOOVER, Stewart M. Religion in the media age. New York: Routledge, 2006.

difíceis de traçar, uma vez que se encontram imbricados mutuamente⁵⁶. Na era da mídia atual, a cultura passa a ganhar maior autonomia e os indivíduos assumem o controle de sua religiosidade, ou seja, as questões e perguntas relacionadas à fé e espiritualidade continuam existindo, mas em um novo formato contemporâneo⁵⁷. Ao descrever a História da Religião em sua relação com a mídia, esta relação inicia com a Imprensa exercendo um importante papel na democratização da leitura de textos religiosos, o que por conseguinte, ocorria fora do controle institucional da Igreja. Nasce com a Imprensa, portanto, uma nova autoridade sócio-cultural através do impulso da literacia e do realinhamento da ordem mercadológica⁵⁸. A mídia age tanto como formadora de cultura quanto produto cultural, uma vez que sua inserção no sistema capitalista, por ser comercial e produzir “mercadorias”, faz com que tenha centralidade em muitos aspectos da sociedade e, consequentemente, tenha implicações para a religião⁵⁹.

Enquanto nos primeiros estudos sobre religião e mídia nos anos 1950 até a efervescência de pesquisas sobre televangelismo na década de 1970, a abordagem sobre o tema tendia a separar mídia e religião em esferas distintas. No entanto, não há porquê se pensar religião e mídia como campos separados, pois estas ocupam lugares iguais e atuam pelos mesmos motivos, fazendo com que se relacionem⁶⁰. A mídia assume atualmente um papel central como fonte de informações, determinando muito do que se percebe a respeito da realidade, e também sua função de despertar a solidariedade social, aspectos que tradicionalmente foram exercidos pela religião, mas que para as gerações atuais, é a mídia quem exerce este papel. Entre as visões acadêmicas sobre a mídia, podem ser citadas aquela em que a mídia assume um grande “poder”, decidindo sobre diversos aspectos essenciais da vida humana, bem como a idéia de “espelho da cultura”: a mídia sendo um espaço em que importantes questões da sociedade são debatidos, perspectiva que integra mídia à cultura⁶¹. Posicionamentos como os da Escola de Frankfurt analisam o papel

⁵⁶ HOOVER, Op. Cit, p. 1.

⁵⁷ Ibidem, p. 3.

⁵⁸ Ibidem, p. 7.

⁵⁹ Ibidem, p. 8.

⁶⁰ Ibidem, p. 9.

⁶¹ Ibidem, p. 10.

da mídia no desenvolvimento da sociedade; o paradigma dominante nas pesquisas americanas sobre o tema estuda os efeitos da mídia no público⁶². Mudanças conceituais importantes ocorrem a partir dos anos 1950: a mídia deixa de ser vista com um papel tão determinante, para ser colocada dentro de um contexto social mais amplo, privilegiando-se pensar os usos da mídia por parte dos consumidores, e não o inverso. Apesar da mudança conceitual, permanece um olhar de que produtores e público encontram-se em esferas separadas, como também a centralidade atribuída à mídia em tais relações⁶³.

Com relação às implicações da mídia sobre o campo religioso, também se encontram visões diversas, entre as quais a análise da globalização sobre a religião, modificando aspectos de sua constituição, e o efeito da pós-modernidade nestas práticas religiosas tradicionais⁶⁴. Sobre as pesquisas em religião e mídia, a grande “explosão” ocorre a partir de 1970, com o fenômeno do televangelismo norte-americano surgindo, levando a estudos sobre o tema⁶⁵. As pesquisas de “efeitos” da mídia contêm muitas limitações ao partir do pressuposto de que o público seria uma “folha em branco”, simplesmente um receptáculo de informações, sem levar em conta a bagagem cultural de cada indivíduo. Outra perspectiva sobre o assunto é a de que a mídia age por mediação entre os sujeitos e a cultura⁶⁶. Por este viés, a mídia assume um papel e lugar nas práticas sociais e culturais mais integrado, bem como permite ver a religiosidade como artefato cultural que dá sentido às mídias⁶⁷. Justifica-se, portanto, o estudo da mídia e religião em termos de significados e identidade para os indivíduos, diferindo da perspectiva tradicional dos “efeitos”, de cima para baixo, e também a integração da mídia na vida dos sujeitos, ao invés de seu “impacto”⁶⁸.

Como já foi citado, as mídias são fundamentalmente práticas sociais, seja ao serem produzidas ou consumidas e, como tal, é preciso compreender o início do que se intitula “meios de comunicação de massa”, tendo sua origem

⁶² HOOVER, Op. Cit., p. 30.

⁶³ Ibidem, p. 32.

⁶⁴ Ibidem, p. 11.

⁶⁵ Ibidem, p. 33.

⁶⁶ Ibidem, p. 34.

⁶⁷ Ibidem, p. 35.

⁶⁸ Ibidem, 40, 41.

no século XIX. Enquanto o século XVIII foi marcado pela palavra impressa, o século seguinte trouxe mudanças tecnológicas que marcaram a mídia moderna⁶⁹, inovações estas como a fotografia, o telégrafo, telefone, que modificaram as práticas sociais de consumo, a maneira de ver o mundo, a velocidade com que as informações circulam, e foram meios rapidamente integrados à vida cotidiana, no uso doméstico, o que provocou significativas mudanças em diversos aspectos das relações sócio-culturais⁷⁰. A comunicação moderna de massa é caracterizada por um grande número de informações e produtos produzidos por baixos custos unitários, permitindo se adquirir tais mercadorias individualmente, o que facilita a democratização na distribuição de notícias, modifica os conteúdos vinculados ao se popularizarem, e a forma como a mídia é financiada e capitalizada⁷¹. Com o século XX, a publicidade surge para dar autonomia às mídias modernas, permitindo se criar uma independência em relação ao governo e instituições e, conseqüentemente, facilita o processo de “comodificação” da mídia⁷². O conceito de mídia de massa introduzida no século XX deve, contudo, ser problematizado atualmente, pois o público hoje é distinto daquele encontrado no início do século passado. Estes novos consumidores são mais especializados e fragmentados que antes, formando o que Hoover denomina desmassificação do público⁷³. Outro aspecto diferenciador desta “mídia de massa” para a atual é o fato daquela se configurar em um emissor para muitos receptores, enquanto a mídia contemporânea é crescentemente interativa⁷⁴.

Ao se falar nas mudanças no campo religioso contemporâneo, o número de estadunidenses que se declaram sem religião atualmente é muito maior que anos atrás, e o número segue crescendo. A mesma tendência pode ser observada no Brasil, com o Censo demográfico de 2000 e 2010⁷⁵, sendo um total de 7,4% da população no ano 2000, e 8% em 2010. Isto não significa, contudo, o desaparecimento da espiritualidade ou a secularização da

⁶⁹ HOOVER, Op. Cit., p. 26

⁷⁰ Ibidem, p. 27.

⁷¹ Ibidem, p. 28.

⁷² Ibidem, p. 29.

⁷³ Ibidem, p. 45.

⁷⁴ Ibidem, p. 47.

⁷⁵ IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.

sociedade. É um indício da reestruturação da religiosidade, pois muitas pessoas que se declaram “sem religião” afirmam também possuírem fé e crenças que vão além de qualquer instituição religiosa. O que ocorre atualmente é a modificação da religião em conformidade com a sociedade: mais individualizada, o que pode ser observado também em relação à mídia. Os sujeitos buscam pessoal e individualmente por religiosidades que atendam a esta demanda mais personalizada da sociedade contemporânea⁷⁶.

Ao se estudar mídia e religião, o panorama atual de pesquisas tende a analisar a convergência de ambos, e o caráter de práticas culturais que assumem⁷⁷. A perspectiva adotada é mais local e particular que globalizante, e a mídia não é enxergada como determinante em seus efeitos, mas nas formas pela qual ela se relaciona com os conteúdos religiosos. Isto também auxilia a compreender as maneiras pelas quais os indivíduos se apropriam da mídia e seus artefatos culturais para adaptá-los às suas especificidades⁷⁸. O lugar da mídia atualmente é diferente de antigamente, pois está integrado nos domicílios e à vida diária, no entanto, é importante ressaltar que esta não assume um papel de controle nas vidas e experiências pessoais dos sujeitos. A relação que ocorre é interativa. Na era da mídia que se vive hoje, a autoridade clerical perde lugar para a cultura comum midiática que define o modo como a religião e espiritualidade são formadas e percebidas pelo público. Dessa maneira, os consumidores ganham maior participação na esfera pública, e para as instituições religiosas, estas passam a existir dentro das mídias. O que ocorre, portanto, é a diminuição da autoridade religiosa e predomínio da autonomia⁷⁹.

2.5 Identidade

Alguns teóricos modernos acreditam que as identidades estão entrando em colapso na pós-modernidade, devido a uma mudança estrutural que desde o final do século XX fragmentam os parâmetros culturais que costumavam guiar os indivíduos em relação à suas identidades pessoais. Tais

⁷⁶ HOOVER, Op. Cit., p. 52.

⁷⁷ Ibidem, p. 70

⁷⁸ Ibidem, p. 264.

⁷⁹ Ibidem, p. 286.

transformações descentralizam o sujeito de suas bases, fazendo com que estes vivenciem uma crise de identidade, causada pela retirada das certezas que antes o orientavam, e agora são substituídas por incertezas⁸⁰.

Algumas concepções de identidade são apresentadas, para se compreender a maneira como compreendemos tal conceito na atualidade. A noção de identidade no Iluminismo se difere muito da maneira como a concebemos na pós-modernidade, sendo marcada pela idéia de que o indivíduo possui um centro unificador, pautado na racionalidade, que o guia através de suas ações e consiste no núcleo de sua identidade pessoal⁸¹. O sujeito sociológico, por sua vez, compreende a identidade humana como fruto do núcleo interior do indivíduo em interação com o meio em que se insere, a cultura que o permeia. A identidade pós-moderna, no entanto, modifica a forma como até então se organizava essa concepção identitária. O sujeito não é mais visto como detentor de uma centralidade estável e orientadora, mas de múltiplas identidades fragmentadas, contraditórias, provisórias e variáveis⁸², que não se definem biologicamente, mas historicamente. A sociedade em que vivemos, portanto, difere-se das sociedades tradicionais pelo seu caráter de mudança constante, rápida e contínua, não havendo um apego tão grande às tradições⁸³.

Em relação à identidade cultural das nacionalidades, estas são as principais referências de identificação cultural do sujeito moderno, que se relaciona com um determinado sistema de representações culturais, que constituem, no entanto, discursos e construções que visam dar sentido à concepção de si dos indivíduos⁸⁴. Por mais heterogêneo que seja determinado grupo, as identidades culturais nacionais vão buscar unir todos os elementos distintivos em uma grande identidade homogeneizante, seja através de elementos como “etnia”, “raça”, que visam anular as diferenças em uma única identidade comum⁸⁵. A globalização no final do século XX, contudo, vem para

⁸⁰ HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade”. 8ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 9.

⁸¹ Ibidem, p. 10.

⁸² Ibidem, p. 11 e 12.

⁸³ Ibidem, p. 15.

⁸⁴ Ibidem, p. 50.

⁸⁵ Ibidem, p. 65.

desagregar as identidades culturais nacionais, dando lugar a outras formas de identificação cultural, mais locais e particulares⁸⁶. O fato das distâncias temporais e geográficas serem suprimidas modifica a forma a sociedade pós-moderna global se organiza, desgastando identidades nacionais, reforçando identidades “locais” como forma de resistência à globalização, e a criação de identidade híbridas, que surgem no lugar das antigas formas⁸⁷.

Uma das consequências da globalização para as identidades pós-modernas é o fechamento ao exterior, à diferença e à alteridade, dando origem a um processo de fortalecimento de identidades locais e também criação de novas identidades, como forma de defesa a essa “ameaça” externa. Mas de forma geral, a globalização exerce o efeito de deslocar identidades “fechadas”, criando um ambiente de pluralidade, com inúmeras possibilidades de identificação. Enquanto alguns grupos tentam se manter ao redor da manutenção da Tradição, buscando recuperar uma unidade primordial perdida, outros recebem de maneira positiva a intervenção de muitos agentes históricos, sociais e políticos nas identidades, alterando-as neste contato, existindo também aquelas identidades culturais em transição, que se encontram entre estes dois estados, as culturas híbridas⁸⁸.

2.6 Protestantismo Histórico e Pentecostalismo

Ao se referir ao cenário religioso atual, Mendonça⁸⁹ ressalta a diminuição ou quase “desaparecimento” gradual de protestantes históricos no Brasil, fenômeno que se confirma com o Censo de 2000 e 2010⁹⁰, em que estes aparecem perdendo adeptos para o pentecostalismo⁹¹. Tal desgaste no protestantismo tradicional brasileiro pode advir de muitas razões, seja por conta do esgotamento dos membros destas igrejas em questões de disciplina, de deveres para com a Igreja, ou por rompimento de laços culturais, como é o

⁸⁶ HALL, Op. Cit., p. 67.

⁸⁷ Ibidem, p. 69.

⁸⁸ Ibidem, p. 89.

⁸⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição”. In: Faustino Teixeira; Renata Menezes (Org.). As religiões no Brasil, continuidades e rupturas. 1a ed: Editora Vozes, 2006, v.1, p. 90-110.

⁹⁰ IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.

⁹¹ MENDONÇA, Op. Cit., p. 89.

caso das religiões protestantes de imigração⁹². Tratando de evangélicos, faz-se necessário definir o termo, uma vez que ainda restam muitas generalizações sobre esta denominação, por vezes atribuindo-se o termo a todos os cristãos não-católicos, incluindo as Igrejas protestantes históricas. A concepção de “evangélico” se modifica ao longo da história protestante, podendo ser afirmado que existem no Brasil três formas distintas de evangélicos: os históricos, oriundos da Reforma Protestante; os “evangelicais”, do movimento de Oxford (grupo que se formou em reação à possibilidade de realinhamento à Igreja Católica no século XIX); e os pentecostais⁹³.

O fundamentalismo também é uma questão importante a se abordar ao tratar dos grupos protestantes, sendo ele caracterizado como um posicionamento contrário ao liberalismo teológico. O liberalismo, por sua vez, é uma vertente do protestantismo que durante o século XIX teve que se adaptar e aceitar certos preceitos da ciência e filosofia em voga, bem como vivenciou pela primeira vez a experiência religiosa oriunda do missionarismo, modificando sua maneira de ser, principalmente em aspectos como a adaptação à modernidade. Enquanto o liberalismo procura adaptar suas crenças à sociedade contemporânea, os fundamentalistas defendem de forma incisiva seus dogmas e sua postura tradicional⁹⁴.

Dentro do grupo pentecostal, distinguem-se pentecostais clássicos, da década de 1910, que surgem no Brasil com Igrejas como a Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembléia de Deus (1911), os deuteropentecostais de meados dos anos 1950 e 1960, representados principalmente pela Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) e Brasil para Cristo (1955), e os neopentecostais que têm seu início no país nos anos 1970, com a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980)⁹⁵. Em relação ao primeiro grupo, estes apresentam em seu início um público majoritariamente das camadas mais pobres da população, que sofre preconceito por parte dos protestantes históricos e católicos, marcado pelo

⁹² MENDONÇA, Op. Cit., p. 90.

⁹³ Ibidem, 93, 94.

⁹⁴ Ibidem, p. 95 e 96.

⁹⁵ MARIANO, Ricardo. “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999. p. 29.

anticatolicismo, ênfase na glossolalia, milenarismo, ascetismo e rejeição a aspectos “mundanos”. Os deuteropentecostais, por sua vez, introduziram no Brasil o evangelismo de massa, com enfoque na cura divina, fazendo ampla utilização do rádio e de pregações itinerantes. Amplamente acusada de charlatanismo e curandeirismo pela mídia, consegue, de forma inédita, dar visibilidade ao movimento religioso no Brasil⁹⁶. Os neopentecostais, mais especificamente adotam uma teologia que enfatiza a prosperidade, cura divina, realização de exorcismos, guerra espiritual, utiliza amplamente os meios de comunicação de massa, com lideranças carismáticas, e pouco simpáticos à tolerância e ao ecumenismo. Há também a chamada “teologia da prosperidade”, basicamente a crença na superação destes males através do desenvolvimento pessoal, adotada pelas igrejas neopentecostais⁹⁷.

O protestantismo difundido no Brasil por missionários norte-americanos ficou marcado pela mensagem religiosa de salvação individual, o que leva a uma indiferença política destes sujeitos, e certa indiferença com assuntos “mundanos”, fazendo com que tal religiosidade se volte para o seu interior e suas ações fiquem restritas ao seio de suas comunidades⁹⁸. A parte liberal do protestantismo brasileiro se desenvolve a partir do século XX até a década de 1960, definida por sua leitura mais “aberta” da Bíblia, e por não afirmar a existência de verdades e dogmas inquestionáveis no cristianismo, também não há uma indiferença ao mundo no liberalismo teológico, mas a crença de que o cristão deve agir no mundo, seguir o exemplo de Cristo⁹⁹.

Esta tendência liberal perde forças ao longo do século XX, fazendo com que as Igrejas tradicionais ganhem força em seguida, voltando-se para seu interior e às suas preocupações com o porvir mais do que com o agora, mais atentos à salvação da alma, sem preocupações terrenas com o corpo¹⁰⁰. Os anos 1950 e 1960 vivenciam este afastamento das Igrejas protestantes no Brasil, mas o que ficou foram exemplos de uma teologia política que teve seu principal nome em Richard Shaull, um missionário norte-americano que liderou

⁹⁶ MARIANO, Op. Cit., p. 29 e 30.

⁹⁷ MENDONÇA, Op. Cit., p. 98.

⁹⁸ Ibidem, p. 101.

⁹⁹ MENDONÇA, Op. Cit., p. 102, 103.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 104

e incentivou os jovens protestantes a se unirem em torno de mudanças sociais e ações políticas. Com o Golpe Militar de 1964, no entanto, toda esta efervescência política reunida em associações de jovens teve fim, retirando a Igreja do campo das ações sociais coletivas no cenário brasileiro¹⁰¹. O medo do comunismo pelas igrejas tradicionais a partir deste período, influenciadas pelas missões protestantes norte-americanas, minaram completamente o desenvolvimento da participação mais “revolucionária” por parte das Igrejas protestantes no Brasil¹⁰².

O crescimento pentecostal no Brasil, possibilitado principalmente pela popularização da igreja Assembléia de Deus, dentre outras igrejas das três ondas no país, e pela sua feição aberta à sociedade não-evangélica, utilizando massivamente os meios de comunicação, se distingue das igrejas protestantes tradicionais, que tenderam a se manter fechadas em pequenas comunidades, voltadas para si. Isto explica, para Mendonça, a ausência de participação política destes grupos no Brasil¹⁰³. Esta afirmação, contudo, pode ser questionada, uma vez que o que se observa hoje é uma alta representatividade política destes grupos no Poder Público, visível pela existência de uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional¹⁰⁴.

A expansão pentecostal no país se dá principalmente a partir da segunda metade do século XX por conta da laicização do Estado e processo de modernização do país. O número de pessoas que afirmam ser pentecostais aparece de maneira crescente nas pesquisas demográficas, demonstrando o declínio no número de católicos e expansão pentecostal, sendo o Brasil o maior país pentecostal do mundo atualmente¹⁰⁵. É preciso, contudo, ressaltar a diversidade de denominações pentecostais com rituais e formas distintas existentes no país. Apesar desta pluralidade, apenas cinco igrejas concentram 85% do público pentecostal brasileiro, as três maiores sendo, respectivamente: Assembléia de Deus, Congregação Cristã e Universal do Reino de Deus. Este

¹⁰¹ MENDONÇA, Op. Cit., p. 106.

¹⁰² Ibidem, p. 107.

¹⁰³ Ibidem, p. 108.

¹⁰⁴ CUNHA, Magali. A Explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 49.

¹⁰⁵ MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. REVER (PUCSP Online) v. 4, p. 69, 2008.

crescimento apresenta, no entanto, certas barreiras de classe, pois seus públicos-alvos concentram-se principalmente entre os estratos sócio-econômicos mais pobres, geralmente situados nas periferias das cidades e regiões metropolitanas, bem como com as menores rendas e menos escolaridade¹⁰⁶.

Muitas estruturas denominacionais atualmente se mostram organizadas de forma burocrática e semi-empresarial, responsáveis pela produção de bens, seguindo regras mercadológicas, mesmo que seja no campo religioso. Organizam-se de maneira empresarial de forma a cumprir metas e aumentar sua lucratividade buscando expandir seu público através de recursos eletrônicos¹⁰⁷. A arrecadação de dinheiro por parte destas igrejas constitui fator fundamental para que as mesmas se mantenham e possam ampliar seus espaços físicos e eletrônicos, podendo então, atingir um maior número de pessoas e se sobressair em relação a seus concorrentes. A teologia da prosperidade também aparece como recurso através da qual a coleta financeira torna-se mais produtiva.

A mídia evangélica aparece também como aspecto essencial para o recrutamento de novos fiéis às igrejas evangélicas atualmente, uma vez que estes indivíduos afirmam que se aproximaram da igreja através do contato com as mídias eletrônicas¹⁰⁸. As mídias evangélicas têm o propósito de atrair novas pessoas às igrejas e não, como se poderia supor, converter através do meio eletrônico. Ao chamar mais indivíduos para dentro dos templos é possível, no ambiente próprio da igreja, realizar as pregações e os rituais, conhecer e criar laços com as pessoas da comunidade, a fim de converter e fazer com que aqueles sujeitos permaneçam na nova religião¹⁰⁹. Apesar de no início, nos anos 1950, haver certa resistência das igrejas pentecostais em utilizar meios eletrônicos na evangelização, estas foram ao longo do tempo se adaptando e modificando antigas práticas, cedendo lugar de forma crescente para as mídias digitais. Uma exceção é a Congregação Cristã que ainda se mostra contrária

¹⁰⁶ MARIANO, "Crescimento pentecostal..." Op. Cit., p. 71.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 71.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 76.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 77.

ao uso de qualquer tipo de meio de comunicação para a prática religiosa, por seu caráter tradicional e sectário¹¹⁰.

O acesso a posições hierárquicas superiores dentro de certas igrejas evangélicas se torna facilitado pois em muitas delas não se dá tanta valorização à formação teológica, mas sim a fatores como a vontade, fé e conversão da pessoa. Apesar de mais “acessível”, não se trata ainda de condições democráticas de acesso, uma vez que as mulheres, por exemplo, são amplamente excluídas dos cargos eclesiásticos dentro destas igrejas. Um caso à parte é a Igreja do Evangelho Quadrangular, que possui 40% do seu corpo ministerial composto por mulheres¹¹¹. No caso das igrejas Protestantes Históricas, o que ocorre é o inverso: valoriza-se e estimula-se a formação teológica pastoral, o que dificulta a formação de novos sacerdotes, levando à diminuição no contingente de pessoas dispostas e aptas a abrir novas congregações e angariar novos membros para suas denominações, o que faz com que estas Igrejas fiquem em desvantagem numérica neste sentido em relação às pentecostais¹¹².

O Pentecostalismo possui a característica de semelhança ou continuidade com a religiosidade popular no Brasil e na América Latina, o que permite a facilidade de sua assimilação entre os latino-americanos. Tal continuidade cultural se demonstra através da crença em céu, inferno, bruxarias e demônios, elementos da cosmologia do Catolicismo popular, figuras oriundas da religião popular que no pentecostalismo passam a ser institucionalizadas¹¹³. Apesar da continuidade entre pentecostalismo e religião popular, deve se ressaltar o fato de que o pentecostalismo no Brasil se desenvolveu justamente em oposição tanto ao Catolicismo (seja ele popular ou institucional), quanto às religiões africanas e indígenas, portanto, existem limites nesta aproximação¹¹⁴. Ao contrário do que poderia se esperar e prever, com a secularização do Estado, e com os exemplos do Catolicismo e do Protestantismo Histórico, que com seu desenvolvimento foram perdendo os

¹¹⁰ MARIANO, “Crescimento pentecostal...” Op. Cit , p. 78.

¹¹¹ Ibidem, p. 82.

¹¹² Ibidem, p. 84.

¹¹³ Ibidem, p. 86.

¹¹⁴ Ibidem, p. 87, 88.

elementos mágicos de sua constituição, na atualidade o que se observa é o crescimento dos grupos religiosos que adotam preceitos mágicos, conforme as religiões institucionais e secularizadas perdem força. Isto se observa através da expansão que as religiões mágicas assumem na América Latina e Estados Unidos hoje, sendo as religiões que mais crescem nestes lugares, pela sua oferta de elementos mágico-religiosos ao seu público que anseia por tais serviços: as camadas mais pobres da população¹¹⁵.

2.7 Evangélicos e usos na mídia

Pensar no surgimento do Protestantismo implica pensar também o surgimento da Imprensa no século XV, fator decisivo para o sucesso e crescimento dos protestantes na Europa¹¹⁶. A Bíblia constituiu elemento fundamental na colonização de novos territórios além-mar, sendo a palavra escrita e impressa o principal meio pela qual o protestantismo se desenvolvia. Contudo, pelo fato de se pautarem grandemente na Bíblia, surgiram muitas interpretações distintas dos textos bíblicos, formando dissidências, fazendo com que se originasse certa aversão pelo intelectualismo religioso e pela Teologia nos Estados Unidos do século XIX, levando à maior valorização de uma religiosidade pautada em emoções, mais do que na razão¹¹⁷. Quando chega à América Latina, o Pentecostalismo altera a forma como se dava até então a organização da pregação protestante, baseada na literalidade. Pelo alto número de analfabetos que a religião encontra ao chegar aqui, se faz necessário adotar maior visualidade e oralidade aos cultos, o que é feito principalmente através dos meios de comunicação de massa como o rádio e a TV¹¹⁸.

Neste novo cenário cultural marcado pelo entrecruzamento de religião e mídia, é possível verificar a diversidade e competitividade presente neste ambiente, pois as diferentes igrejas devem atuar conforme a lógica de mercado, buscando atrair novos clientes em meio a suas concorrentes, que

¹¹⁵ MARIANO, "Crescimento pentecostal..." Op. Cit , p. 89.

¹¹⁶ CAMPOS, Leonildo. Evangélicos e mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos. REVER (PUCSP Online) v. 4, p. 7.

¹¹⁷ Ibidem, p. 8, 9.

¹¹⁸ Ibidem, p. 10.

ambicionam o mesmo¹¹⁹. No caso do pentecostalismo no Brasil, este começou sua presença na mídia de forma tímida através de horários na madrugada da programação das redes de televisão, até sua expansão e chegar a ocupar horários nobres e a compra de emissoras de TV, como a Rede Record, comprada pelo bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus¹²⁰. Apesar da resistência que havia no início em relação ao uso de mídias eletrônicas como a televisão para a pregação religiosa, aos poucos foi-se aceitando e posteriormente já se via a ampla utilização de tais veículos para fins religiosos. Com algumas exceções, como a já citada Congregação Cristã, e a Igreja Deus é Amor, que não fazem uso da TV para realizar sua evangelização. O que levou estas igrejas pentecostais a empreendimentos tão dispendiosos e arriscados de inserção nas mídias eletrônicas está relacionado à crescente busca por novos públicos, bem como a constatação de que o campo religioso atual, marcado por uma forte competitividade, exige esta maior conexão entre mídia eletrônica e religião¹²¹.

Cunha¹²² diferencia o que denomina Pentecostalismo Independente (Neopentecostalismo), que surge a partir da década de 1980 no Brasil, do Pentecostalismo de Missão. Enquanto este é baseado no modelo protestante europeu/norte-americano, com fortes valores puritanos (restrição de costumes, por exemplo), aquele foi se organizando em torno das religiosidades brasileiras, seus traços e valores, ressignificando-as.

O pluralismo religioso que se vivencia no Brasil não é característica exclusiva do país. Isto se deve ao surgimento de novos grupos religiosos tendo que conviver com religiões tradicionais em um momento de crescente secularização. O capitalismo e as políticas neoliberais decorrentes deste sistema levam ao surgimento de correntes teológicas tais como a “Teologia da Prosperidade” e a idéia de “Guerra Espiritual”. Tais noções levam à adoção de práticas e a uma lógica empresarial por parte destas igrejas, buscando como resultados: um maior número de membros e patrimônios, criando-se uma pirâmide competitiva em que os pastores e líderes de maior sucesso cobrem

¹¹⁹ CAMPOS, Op. Cit, p. 12.

¹²⁰ Ibidem, p. 13.

¹²¹ Ibidem, p. 23.

¹²² CUNHA, Op. cit.

resultados das igrejas menores, agindo segundo uma lógica mercadológica. Ainda seguindo uma vertente neoliberal, estas igrejas investem em projetos sociais, buscando sempre expandir seu público¹²³.

O mercado evangélico deu-se primeiramente através do setor editorial, posteriormente se expandindo para o campo fonográfico, e ampliando seus limites para o gigantesco comércio de produtos dos mais diversos, com mensagens e símbolos religiosos. Este amplo mercado movimenta bilhões todos os anos, também cria uma série de empregos e demonstra a forte presença evangélica na atualidade, aspecto importante para compreender as mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro¹²⁴. Sobre a presença evangélica na mídia, ao contrário da realidade norte-americana em que o televangelismo foi mais intenso, no Brasil o rádio sempre foi o veículo de maior representatividade evangélica, como é o exemplo do programa “Voz da Libertação”, da Igreja Pentecostal Deus é Amor, com grande público e receptividade no cenário nacional¹²⁵. Contudo, o televangelismo também possui espaço na TV brasileira, como é o caso da rede de televisão Record, da Igreja Universal do Reino de Deus¹²⁶.

Com o crescimento urbano, surge um novo modo de vida nas cidades. As igrejas Pentecostais Históricas de Missão não conseguem, neste período, se adaptar a este ritmo acelerado das cidades, e continuam com práticas rurais que datam de seu início no Brasil. As igrejas pentecostais, no entanto, adaptadas à lógica urbana, possuem horários flexíveis de cultos, ficam abertas por longos períodos ao longo do dia, ficando a encargo de seus membros escolher quando freqüentarão a igreja, conforme sua disponibilidade, assim como o fato de não possuírem vinculação com uma sede específica, facilitando o acesso das pessoas aos locais de culto¹²⁷. A partir dos anos 1950, com este fenômeno do êxodo rural para as áreas urbanas no Brasil, algumas igrejas pentecostais (notadamente a Igreja do Evangelho Quadrangular) passam a introduzir novos ritmos e instrumentos dentro da igreja, enquanto as

¹²³ CUNHA, Op. Cit., p. 51.

¹²⁴ Ibidem, p. 58.

¹²⁵ Ibidem, p. 62.

¹²⁶ Ibidem, p. 60, 61.

¹²⁷ Ibidem, p. 66.

pentecostais históricas mantiveram seu formato tradicional de hinologia. Foi essa renovação musical pentecostal que possibilitou entre o protestantismo a popularização da música religiosa¹²⁸.

O conceito *gospel* se populariza a partir dos anos 1980 com a Igreja Renascer em Cristo, em que a música assume um lugar de destaque na igreja como parte da prática de louvor. A modernização também surge como um fator que contribui para esta difusão da cultura *gospel* pelas igrejas, através de aparatos eletrônicos que acompanham as músicas durante os cultos. Surgem então, diferentes gêneros musicais associados à música *gospel*, desde o rock até o axé e samba, com a introdução até mesmo de dança dentro das igrejas¹²⁹. A Feira de Exposições Expocristã-SP aparece como um exemplo desta cultura *gospel* que emerge dentro do cenário evangélico: ali uma série de diferentes produtos cristãos são comercializados (CD's, DVD's, livros, roupas, brinquedos, equipamentos eletrônicos, etc.), demonstrando que o consumo torna-se uma forma de cultivo da fé neste novo contexto *gospel*¹³⁰. A “explosão *gospel*” a que Cunha se refere é mais do que a eclosão de um movimento musical dentro das igrejas evangélicas no Brasil, mas também representa a reconfiguração cultural pela qual o pentecostalismo e o protestantismo tiveram que passar para se adaptar ao contexto atual da economia e sociedade brasileira: tecnológica, com uma grande variedade de oferta de diferentes bens de consumo, mídia e opções de entretenimento¹³¹.

Na lógica dos produtores e consumidores de bens religiosos, consumir torna-se não somente aceitável, mas algo a ser incentivado, pois se trata de algo abençoado adquirir e utilizar comodidades “sagradas”, que possuem o propósito de louvar a Deus¹³². Dessa forma, entretenimento e consumo de bens religiosos ganham um significado renovado na cultura *gospel*. Apesar das mudanças no campo evangélico em relação a sua adaptação à modernidade, ao assumir uma postura não-sectária e inserida na sociedade, através do consumo de bens religiosos e aceitação de diversos usos da mídia evangélica,

¹²⁸ CUNHA, Op. Cit., p. 69.

¹²⁹ Ibidem, p. 83.

¹³⁰ Ibidem, p. 139, 140.

¹³¹ Ibidem, p. 199.

¹³² Ibidem, p. 202.

ainda há um esforço em se manter velhos traços e posturas tradicionais em muitos aspectos: ainda reside muito do pensamento conservador no segmento evangélico, mesmo que agora utilizem uma nova roupagem, mas com velhas formas em seu interior¹³³.

¹³³ CUNHA, Op. Cit., p. 206.

3. Terceiro Espaço e a formação de comunidades virtuais

As fontes escolhidas para análise são dois *blogs* intitulados: “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo”, criados em 2009 por um casal paulista, respectivamente por Paulo e Vera Siqueira. Resolveu-se analisar o *blog* enquanto espaço de crítica aos grupos evangélicos pentecostais, mais especificamente em relação ao caráter “mercantilizado” que tal segmento possui. Procura-se compreender os argumentos em que se baseiam esta contracultura evangélica para criticar sua forma de organização, e dentro de que contexto estes agentes se situam para produzir seus juízos. Neste segundo capítulo, o foco será na análise dos *blogs* de forma mais ampla, como espaço de crítica e ação destes sujeitos, agindo também como um terceiro espaço, e de que forma eles representam uma contracultura religiosa ao discurso, práticas e rituais dos grupos pentecostais. O terceiro capítulo se deterá mais especificamente ao recorte da crítica à “mercantilização da fé” realizada por determinados grupos evangélicos, analisando postagens dos *blogs* contrárias a este comportamento, tentando compreender porque ocorrem tais julgamentos.

3.1 “As pedras clamam”

Primeiramente, sobre o *blog* “As pedras clamam”, acerca de seu título, trata-se de uma referência a uma passagem bíblica, do Evangelho de Lucas 19:39-40: “Ora, alguns dos fariseus Lhe disseram em meio à multidão: Mestre, repreende os teus discípulos. Mas Ele lhes respondeu: Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão.” Os fariseus, neste caso específico, seriam os grupos evangélicos que estariam deturpando o “Evangelho Puro e Simples” almejado pelo dono da página, e conforme o silêncio em que se encontra a sociedade sobre tal assunto, faz-se necessário denunciar a postura e atitudes dos “fariseus”, e defender uma religião ética e centrada em Cristo. O “Evangelho Puro e Simples” faz alusão à obra de C. S. Lewis denominada “Cristianismo puro e simples”, livro adaptado de uma série de palestras via rádio, realizadas durante a Segunda Guerra Mundial. Por tal

motivo “as pedras clamam”, em reação ao silêncio diante de situações de descaso com determinados preceitos cristãos e em protesto aos atos deturpadores do “verdadeiro evangelho”. A página conta com 89.593 visitas desde 2009. O fundador do *blog*, Paulo Siqueira, 44 anos, reserva uma parte de sua página na internet, chamada “Quem Sou” para se apresentar ao público que acessa sua página, sua formação e objetivos. Identifica-se como marido de Vera Siqueira, fazendo uma relação com o *blog* de sua esposa que, como será exposto posteriormente, assemelha-se em muitos aspectos ao seu. Afirma ser Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo, pós-graduado em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo, também possui especialização em Didática para o Ensino Superior pela Universidade Anhanguera de São Paulo e atualmente o autor do *blog* escreve estar cursando Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Conta ainda sobre sua participação em palestras e conferências de todo o Brasil, e sobre sua experiência atual de elaboração da obra “A reforma na cabeça e nos membros: uma eclesiologia para o século XXI”, que pretende tratar a realidade do campo religioso brasileiro, principalmente em sua relação com a Teologia da Prosperidade. É importante notar o destaque que o autor procura dar à sua formação acadêmica, principalmente na área de Teologia como forma de ressaltar seu conhecimento sobre os temas que aborda em seu *blog*, dando-lhe maior prestígio e autoridade para escrever sobre questões religiosas.

Sua atuação prática na religião também é apontada, tendo trabalhado como pastor pela Igreja do Evangelho Quadrangular em diversas cidades dos estados de São Paulo e Paraná, agindo na evangelização de “travestis, prostitutas e encarcerados”. O destaque para tais elementos de sua atuação indica a busca por demonstrar também sua experiência no cotidiano religioso, não só possuindo uma formação intelectual, mas também uma vivência no campo em que escreve no seu *blog*. Paulo Siqueira também se identifica como fundador do “Movimento pela ética evangélica brasileira”, e realizador de protestos e eventos como a “Marcha pela Ética Evangélica”, em que são reivindicados a volta ao “Evangelho Puro e Simples”, ou seja, fundamentado nos valores originais da Reforma Protestante, criticando o uso da Teologia da

Prosperidade por parte de algumas igrejas evangélicas atualmente e à “mercantilização da fé”. Paulo Siqueira e seu movimento também lutam por uma atuação social mais intensa por parte dos grupos evangélicos, o que o *blogueiro* denomina como a defesa de uma “fé cidadã”.

Sobre a forma como é estruturado, podemos citar as cinco principais categorias que podem ser acessadas no topo da página, sendo elas: “Início”, “Camisetas para o protesto pacífico”, “Quem Sou” e “Retrospectiva do Evangelho Puro e Simples”. A imagem que se encontra centralizada no topo da página é a de um dos protestos realizados pelo “Movimento pela ética evangélica brasileira”, em que é possível visualizar algumas pessoas segurando uma faixa em que está escrito “Voltemos ao Evangelho Puro e Simples. O \$how tem que parar!!!”, segue a imagem abaixo¹³⁴:

Figura 1 – Membros do “Movimento pela ética evangélica brasileira” atuando em um de seus protestos pacíficos pelo país.

Tal imagem (1) enuncia o principal objetivo e conteúdo vinculado pelo *blog*: além de tratar de temas do cenário religioso atual, principalmente evangélico, procura denunciar e criticar o caráter mercantil das igrejas pentecostais e os escândalos envolvendo a exploração de fiéis e o enriquecimento de líderes religiosos. Na categoria “Início”, é possível acessar todas as publicações do blog desde seu início, em fevereiro de 2009, até outubro de 2013. Nestas é possível perceber a abordagem de diferentes temas envolvendo diferentes denominações religiosas e líderes evangélicos. Em um quadro específico do *blog*, é possível visualizar várias palavras-chave (*tags*) ou marcações que indicam as principais temáticas tratadas nas postagens. Elenco, a seguir, as marcações temáticas mais freqüentes em publicações e o número de vezes em que tal palavra-chave foi associada a um *post*: *Igreja* (140); *Sociedade* (120); *Reforma* (99); *Dinheiro* (93); *Avivamento* (90); *Batalha Espiritual* (85); *Política* (66); *Espírito Santo* (62); *Música* (54); *Marcha para*

¹³⁴ Disponível em: <http://pedrasclamam.wordpress.com>. Consultado em: 01 de novembro de 2013.

Jesus (51); *Apóstolo Hernandez* (46); *Evangelho* (43); *Silas Malafaia* (40); *Pobreza* (34); *Desigualdade* (29).

Levando-se em conta que existem 1467 marcações no *blog*, mais de 70% delas estão divididas entre as temáticas elencadas acima. Desde seu início em fevereiro de 2009, o “As pedras clamam” conta com 179 postagens, o que também nos dá a dimensão da frequência com que determinados tópicos são tratados na página, revelando-nos as principais preocupações e direcionamentos do autor. Por se tratar de um blog que veicula conteúdos religiosos, *Igreja* aparece como conceito mais abordado ao longo dos textos publicados. *Sociedade*, sendo um conceito amplo e genérico, cabível a diversas situações também se faz muito presente. Conceitos religiosos como *Reforma* e *avivamento* também são constantes pois tratam-se dos pressupostos em que o autor e seu movimento se baseiam tanto em suas publicações *online* quanto em seus atos políticos e ideais de “purificação” dos grupos evangélicos, ao alegarem basearem-se em valores da Reforma Protestante e frequentemente agirem em protestos e atos sociais que mobilizam grande número de cristãos em prol de mudanças na postura evangélica, realizando uma espécie de avivamento, moveres espirituais que transformam aspectos da sociedade e a vida dos indivíduos. O tema *Dinheiro* se faz tão presente por conta do direcionamento que é dado às postagens sobre denúncias aos grupos evangélicos que realizam esta “comercialização” de bens religiosos, destacando-se sempre os aspectos negativos das religiões que insistem crescentemente em diferentes estratégias de arrecadação de dinheiro, “enganando” os fiéis mais humildes, pobres, sem instrução. Relacionado a isto está a abordagem de questões como *Pobreza* e *Desigualdade*, em que problemas sociais envolvendo os grupos econômicos mais fragilizados são apresentados, dando abertura para se repudiar a ação de “ludibriar” as populações mais pobres realizadas por certas igrejas evangélicas.

Nas outras subdivisões do blog, encontra-se “Camisetas para o protesto pacífico”, em que é explicado ao público a forma como acontecem os encontros, o que é reivindicado e a forma de participar. As manifestações ocorrem geralmente em eventos religiosos de grande visibilidade, como a “Marcha para Jesus” e a “Expocristã”. O “Movimento pela Ética Evangélica

Brasileira” se define como um grupo cristão não-denominacional (apesar da experiência de Paulo Siqueira anteriormente como pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular) que luta contra a deturpação do Evangelho de Deus, deseja a retomada de um “Evangelho Puro e Simples” e é contrário ao caráter mercantil que muitas as igrejas evangélicas assumiram nos últimos anos. Para tal, realizam tais eventos e marchas como forma de protesto. Segundo o próprio autor do *blog*:

“O que é a Marcha pela Ética Evangélica Brasileira? É um movimento de cristãos indignados com os atuais vendilhões do templo, que vendem um falso evangelho de facilidades e enriquecem com isso. Buscamos à volta ao Evangelho puro e simples, sem extorsões financeiras, sem gnosticismo e amuletos gospel, sem artistas gospel, sem “papas” locais. Buscamos o retorno da Igreja ao foco em Cristo e não no crescimento de cada denominação. Não somos nenhuma organização, somos apenas pessoas sem títulos ou honrarias eclesiais que não aceitam o que estão fazendo com o Evangelho de Cristo (...). A Marcha pela Ética Evangélica Brasileira pretende ser um movimento de indignados, durante a próxima Marcha para Jesus. Nosso protesto será silencioso, através de camisetas, faixas e banners com mensagens contra a corrupção da igreja brasileira.”¹³⁵

O sucesso do *blog* é tão grande entre seus leitores e público que estes, oriundos de diversas denominações e origens religiosas distintas, solicitaram a Paulo Siqueira que fundasse uma igreja, institucionalizando o movimento propagado pelo *blog*, demonstrando a ampla recepção e aceitação deste público em relação ao conteúdo da página virtual¹³⁶.

Quanto à forma de participação, fica aberto a qualquer pessoa que deseje comparecer aos eventos, instruindo-se que se leve banners, faixas e camisetas com os objetivos do movimento, e deixa-se claro a gratuidade dos eventos, bem como o caráter sem fins lucrativos que o *blog*. Até a camiseta do movimento/ das marchas, que é aconselhado que as pessoas utilizem em tais eventos, não são comercializadas, tendo instruções de como confeccionar sua própria camiseta, sempre ressaltando o desinteresse na questão financeira, procurando desvincular a imagem do grupo a de grupos evangélicos que

¹³⁵ SIQUEIRA, Paulo. Blog “As pedras clamam”, 2009. Disponível em: <<http://pedrasclamam.wordpress.com>>

¹³⁶ Notícia vinculada pela página “Gospel Prime”, 2011. Disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/blog-de-apologetica-pode-virar-igreja>

investem em arrecadação de dinheiro. Por fim, na parte do blog relativa à “Retrospectiva do Evangelho Puro e Simples” tem a compilação de textos, fotos, vídeos, reportagens em jornais e revistas sobre as participações do Movimento pela Ética Evangélica Brasileira em eventos religiosos de todo o país.

3.2 “Uma estrangeira no mundo”

O *blog* “Uma estrangeira no mundo”¹³⁷, por sua vez, criado em março de 2009 por Vera Siqueira, 37 anos, esposa de Paulo Siqueira, possui um formato e conteúdo muito semelhante ao anteriormente citado, mas com certas especificidades. O título de seu *blog*, como a própria autora explica na subdivisão “Sobre Mim” de sua página, se refere a duas passagens bíblicas do evangelho de João, que falam sobre o quão odiadas e perseguidas são as pessoas que não pertencem ao mundo, ou seja, as pessoas que seguem e espalham a palavra de Deus. Isto explica o porquê da autora se considerar uma “estrangeira no mundo”, pois ela faz parte do grupo de indivíduos odiados, por não fazerem parte do pecado e das questões mundanas, mas de serem especiais e escolhidos de Deus para participar da evangelização pelo mundo. A concepção que a autora possui de “mundo”, por sua vez, é de um local invadido pelo pecado e pelas distorções à Palavra de Deus, e por esta razão se faz tão urgente a necessidade de intervir neste mundo contaminado pelo mal. A forma como a autora se apresenta é mais intimista do que o autor do *blog* “As pedras clamam”, pois procura utilizar uma linguagem mais informal em sua descrição e relatar aspectos pessoais e de experiências próprias de vida. Diz ser casada com Paulo Siqueira, fazendo um paralelo com o *blog* do marido, e possui formação em Administração por necessidade financeira, mas seu verdadeiro interesse é cursar Sociologia ou Teologia, como admite. Em 2001, afirma ter se convertido a Cristo, mas que atualmente procura ainda manter uma religiosidade desvinculada de qualquer denominação religiosa, sendo orientada exclusivamente por Cristo, sem filiações específicas. Contudo, a

¹³⁷ SIQUEIRA, Vera. Blog “Uma estrangeira no mundo”, 2009. Disponível em: <<http://estrangeira.wordpress.com>>

autora afirma já ter sido católica, espírita kardecista, mahikari (movimento religioso japonês), messiânica, umbandista e freqüentou algumas igrejas evangélicas, tendo se decepcionado com as pessoas e a forma como a religião é abordada nas igrejas em que freqüentou. Relata experiências negativas que teve nas igrejas que participou, tendo tentado diversos rituais e técnicas de “cura interior” prometidas para se livrar de um mal estar que a assolava. Tentou também se ministrar em algumas igrejas, mas sempre foi impedida por motivos como seu marido ter passado por um divórcio, ou por possuir um demônio dentro de si, que causava seu mal-estar. Conta ainda que o real motivo para não poder ter se ministrado não foi nenhum dos motivos que a alegaram, mas sim por ser pobre, pois para as pessoas de melhores condições financeiras o acesso a ministério se tornava facilitado. Com isto conclui que a igreja privilegia os “ricos e poderosos”, procurando tirar tudo dos mais pobres, como ela, que quase deu tudo à Igreja. Constatou também que seu mal-estar era causado por uma doença genética rara que se diagnosticou, e não por demônios, como afirmaram nas igrejas pela qual passou, o que fez com que se decepcionasse com a igreja de forma geral e se “reequilibrasse”, por fim.

Tal postura que a autora assume reafirma a tendência analisada no Censo demográfico de 2010¹³⁸, de crescimento do segmento evangélico sem denominação, que em 2010 era de apenas 1% da população, aumentando para 4,8% em 2010, em um total de 9.218.129 pessoas. Isto configura uma atitude interessante, uma vez que dentro do universo evangélico como um todo a vida em comunidade é muito valorizada com parte integrante da experiência religiosa, não sendo algo muito bem aceito o fato destes grupos evangélicos não-determinados se associarem de forma a excluir-se de uma vinculação com alguma religião evangélica institucionalizada.

Apesar de não citar nomes específicos, pode-se perceber que a autora fala de igrejas pentecostais pelos termos que utiliza e pelos rituais e abordagens que cita ao longo de seu relato, em especial quanto ao termo “gospel”. Por estas decepções que teve nos grupos religiosos que freqüentou, Vera Siqueira afirma ser esta sua motivação para criar e escrever um blog, para “tocar em algumas feridas da Igreja”, apontar seus principais erros e

¹³⁸ IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.

desvios do “verdadeiro Evangelho”, e escrever aos “doentes” que freqüentam estas igrejas, para tentar alertá-los dos males que tais locais podem produzir. Pode-se perceber em seu discurso uma ex-evangélica que se decepcionou com as experiências que vivenciou nas igrejas que teve contato e que agora procura avisar dos perigos e equívocos encontrados nos grupos evangélicos.

O *blog* conta com 365.816 visitantes desde 2009 e se subdivide em alguns tópicos, especificamente: “Início”, “Camisetas para o protesto pacífico”, “Fala que eu te escuto”, “Retrospectiva do Evangelho Puro e Simples”, “Série desafio do Malafaia”, “Série Evangelho Puro e Simples” e “Sobre Mim”. Podemos ver de início algumas relações com a página “As pedras clamam”, pela reincidência de tópicos sobre o protesto pacífico e do Evangelho Puro e Simples. Assim como o *blog* anteriormente descrito, na aba “Início” também é possível visualizar todas as postagens feitas desde março de 2009 até outubro de 2013, de forma retrospectiva. Em “Uma estrangeira no mundo”, no entanto, percebemos um maior número de postagens, bem como de marcações utilizando palavras-chave para identificar o tema presente em cada um dos *posts*. São 284 postagens e 4103 marcações desde o seu início, e realizando um levantamento das palavras-chave mais abordadas durante os textos do *blog*, observa-se a predominância das seguintes temáticas, com a quantidade de vezes em que apareceram na página: *Deus* (229); *Igreja* (213); *Pastor* (183); *Dinheiro* (182); *Batalha Espiritual* (176); *Sociedade* (171); *Reforma* (133); *Avivamento* (116); *Música Gospel* (104); *Espírito Santo* (98); *Mídia Gospel* (94); *Dominação* (93); *Apóstolo* (90); *Silas Malafaia* (86) e *Evangelização* (76). Por se tratar também de um *blog* que se propõe a criticar determinados comportamento e forma de organização de grupos evangélicos, tais marcações se fazem compreensíveis. Podem-se observar certos temas como “Dinheiro”, “Pastor” “Dominação”, de grande recorrência na página virtual, que demonstram o direcionamento que é dado às postagens, sempre reforçando a volta ao “Evangelho Puro e Simples” pela negação aos valores “mercantilizados” que assumiram as igrejas evangélicas. É importante notar que todas as postagens permitem que sejam feitos comentários, o que acontece em grande escala, normalmente comentários de páginas e *blogs*

semelhantes e relacionados ao próprio “Uma estrangeira no mundo”, prestando apoio.

No tópico “Camisetas para o protesto pacífico”, repete-se o mesmo discurso do blog “As pedras clamam”, esclarecendo o público sobre os eventos do “Movimento pela Ética Evangélica Brasileira”, sobre a sua gratuidade e formas de confecção das camisetas pelos próprios membros interessados, sem interesses de comercialização e venda de produtos de nenhuma espécie. “Retrospectiva do Evangelho Puro e Simples” também faz uma retomada dos eventos realizados pelo Movimento, com fotografias e vídeos tiradas pelos próprios membros, bem como reportagens vinculadas pela mídia sobre os protestos e marchas realizados por eles. Em “Série sobre o Evangelho Puro e Simples”, a autora procura analisar trechos de livros que indicam como se deve viver um verdadeiro cristão, ressaltando sempre o caráter de ação social que a igreja e os cristãos devem seguir, bem como a destinação mais “humanitária” que as doações e dízimos devem ter. O tópico “Fala que eu te escuto” faz clara alusão ao programa de televisão transmitido pela Rede Record, de mesmo nome, da Igreja Universal do Reino de Deus, em que são discutidos temas da atualidade por pastores e bispos da igreja, com participação ao vivo de telespectadores. A autora dedica este espaço do *blog* para que o público que desejar entrar em contato possa enviar mensagens à própria autora. Este espaço também serve como crítica ao programa da Igreja Universal, uma vez que, diferentemente do programa religioso, nesta sessão do *blog* realmente se está disposto a ouvir as pessoas que procuram por auxílio. Finalmente, em “Série Desafio do Malafaia”, refere-se a um desafio lançado pelo próprio pastor Silas Malafaia, líder da igreja Vitória em Cristo, que propôs aos blogueiros cristãos da internet que costumam criticá-lo, a encontrar equívocos em sua pregação “Uma vida de prosperidade”, veiculada na TV em junho de 2012. Como forma de aceitar ao desafio, a autora fez uma compilação de momentos em vídeo em que o pastor realiza pedidos de doações exorbitantes, ou em que Malafaia se contradiz e foge às perguntas sobre a Teologia da Prosperidade.

3.3 Blogs: muito mais do que diários pessoais na Internet

Levando-se em conta a grande presença de *blogs* na atualidade, faz-se necessário entender de que forma estes se apresentam na blogosfera e quais seus diferentes formatos e objetivos. Primeiramente, é preciso desmistificar a noção reducionista de que *blogs* são diários pessoais em formato online. Trata-se de muito mais do que isso: apesar de alguns deles seguirem a sequência cronológica e a narração de fatos cotidianos, assim como os diários íntimos, existe ainda uma diversidade muito maior de formatos que podem ser encontrados na internet, bem como um fator muito importante que os diferencia, o fato dos *blogs* serem direcionados ao interpessoal, para determinados grupos, enquanto diários são voltados para o próprio sujeito que o produz¹³⁹. Para a tipificação dos *blogs*, é preciso primeiramente verificar o caráter individual ou coletivo de sua produção. Os individuais podem ser subdivididos em pessoais e profissionais, enquanto os coletivos, por sua vez, podem ser grupais ou organizacionais. Os *blogs* pessoais, que são o caso do “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo” analisados na presente pesquisa, são mais simples em sua organização se comparados a um *blog* profissional ou grupal, por exemplo, pois não depende de uma avaliação prévia de outros sujeitos, nem se pretende atender aos interesses de determinada instituição. Deve apenas manter o compromisso com seu público, o único que pode tecer comentários e críticas sobre seu conteúdo¹⁴⁰.

Com relação às postagens que podem ser vinculadas nos *blogs*, estas se subdividem em relatos e textos reflexivos. O primeiro possui formato de descrição, podendo ser um link ou colagem de texto/imagem externo. Enquanto os textos reflexivos podem ser críticas e argumentações sobre acontecimentos e questões diversas. Ainda pode se dividir os assuntos tratados nos *blogs* em temas voltados “para fora” (acontecimentos sociais, políticos, culturais que envolvem uma grande comunidade), e “para dentro” (temas familiares, de um grupo restrito aos amigos, projetos individuais ou organizacionais)¹⁴¹. Os *blogs* analisados em questão possuem as duas categorias presentes em suas postagens e conteúdos, ou seja: produzem tanto relatos sobre o cenário

¹³⁹ PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para tipificação da blogosfera. Revista FAMECOS, v. 36. Porto Alegre, 2008. p. 122.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 125.

¹⁴¹ PRIMO, Op. Cit., p. 126.

religioso brasileiro, acontecimentos políticos nacionais, quanto textos reflexivos sobre tais temas e também acerca de eventos e projetos restritos ao próprio grupo, que é o caso da “Marcha pela ética evangélica brasileira”, e outros protestos e atos realizados pelo grupo.

3.4 Terceiro Espaço e as sociabilidades virtuais

Além de blogs, as páginas analisadas podem ser vistas também como formas de terceiro espaço. Hoover¹⁴² descreve dentro do contexto das relações entre tecnologias digitais e religião três diferentes possibilidades de categorias, sendo elas: a emergência de novas formas de religião que encontram morada no espaço das culturas digitais; religiões tradicionais e sua organização institucional adentrando no contexto digital; e um terceiro caso que engloba velhas, novas, híbridas e “anti” tradições religiosas, que independem de uma autoridade religiosa em si¹⁴³. Para descrever o espaço digital em que se desenvolvem tais relações com a religião utiliza-se o termo “terceiro espaço” para expressar a ausência de um local físico específico, e também a noção de algo mais conceitual como um espaço imaginado¹⁴⁴. Apesar de se tratar de um espaço não-concreto, tais lugares podem dar origem a novas estruturas espaciais e práticas que partem deste universo conceitual e se tornam “reais” através do trabalho interativo que ocorre neste meio¹⁴⁵.

A importância destes terceiros espaços está no fortalecimento para a vida pessoal e civil, uma vez que auxiliam a reforçar o engajamento civil ao criar ou manter comunidades também fisicamente, e se mostram inclusive mais fortes muitas vezes que associações comuns (ou não-digitais) por existir tanto em seu espaço eletrônico quanto físico. Nesta perspectiva, o terceiro espaço é uma forma de explorar outros formatos de comunidades, através da mediação pelas culturas digitais de interações sociais e experiências de sociabilidades. O terceiro espaço religioso se localiza entre o que poderia se chamar de “primeiro espaço” (a esfera institucional como igrejas, denominações) e o segundo

¹⁴² HOOVER, Stewart M; ECHCHAIBI, Nabil. The “third spaces” of digital religion, Center for Media, Religion and Culture, University of Colorado, 2012.

¹⁴³ Ibidem, p. 3.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 5.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 6.

espaço (do pessoal, das práticas individuais)¹⁴⁶. Opera dentro de sua própria lógica e regras, sem procurar substituir determinado espaço físico, sendo um local cultural e discursivo pautado em estruturas sociais determinadas¹⁴⁷. Por suas características de convergência e lógica própria, os espaços digitais possibilitam a criação de novas formas de comunidade, dando lugar a novas narrativas, distintas das dominantes¹⁴⁸. As religiosidades presentes no terceiro espaço constituem fenômenos da contemporaneidade, por serem não só novas experiências religiosas pautadas em inovações tecnológicas, mas por reunirem componentes tradicionais e inovadores de sociabilidade em um ambiente de pluralidade cultural:

Far from being mere technological events, religious third spaces in the digital realm are different not because they are radically new, but because they build from the ambivalent encounter of old and new forms of sociality and negotiate differing poles of cultural identity.¹⁴⁹

Os indivíduos utilizam tais tecnologias do espaço digital para construir/imaginar diferentes formas de organização social e cultural que vão além das experiências da esfera “física”. Nesse sentido, os sujeitos e suas práticas culturais se colocam no centro deste processo, diferentemente da concepção passiva, de que apenas recém as informações das mídias de forma pronta e sem ação, sendo importantes por representarem a produção de significados dos indivíduos¹⁵⁰. Os terceiros espaços de religião digital, portanto, podem ser vistos também como espaços periféricos que criam novas maneiras de religiosidade e fé, como forma de resistência à autoridade religiosa¹⁵¹. É o que ocorre com as fontes analisadas em questão, os *blogs* “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo”, que criam espaços de sociabilidade e trocas culturais no ambiente digital e fornecem um ambiente, o que Hoover denomina de terceiro espaço, propício para a formação de uma comunidade que age em movimentos políticos em prol de mudanças na configuração do cenário

¹⁴⁶ HOOVER; ECHABI, Op. Cit., p. 8.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 11.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 12.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 13.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 16.

¹⁵¹ HOOVER; ECHABI, Op. Cit., p. 24.

religioso brasileiro, ou seja, para mudarem a realidade social em que vivem, e que, portanto, servem muito mais do que um espaço de discussão e exposição de temas, mas também um local de engajamento e construção de novas práticas sociais nascidas do trabalho interativo presente no *blog*. Observa-se também que estas páginas se colocam entre o espaço da institucionalidade religiosa e da religiosidade pessoal, dentro do âmbito de cada indivíduo, servindo como esferas convergentes que dão origem a novas comunidades.

3.5 Autoridade religiosa e mídia na contemporaneidade

Outro aspecto importante que se observa nos *blogs* “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo” é o declínio da autoridade religiosa perceptível através da postura que os autores assumem como não-denominacionais, independentes de qualquer igreja ou vinculação religiosa específica (muito embora se identifiquem com discursos teológicos evangélicos), se afirmando como cristãos, mas não pertencendo a nenhuma igreja. Isto se relaciona a mediação da religião pela mídia, que ameaça, de certa forma, as instituições e tradições religiosas¹⁵². O papel que a mídia assume na contemporaneidade em relação à religião é de grande importância, pois fornece um contexto de participação social, seja em termos locais ou mundiais, e de trocas e compartilhamento de ideias, auxiliando a definição de identidades e trocas culturais. A mídia se apresenta como uma ameaça à autoridade religiosa na medida em que fornece um contexto cultural mais homogêneo aos indivíduos, tornando o dualismo “sagrado dentro da religião” e “profano secular” de pouca importância¹⁵³.

3.6 Recusa ao pentecostalismo

Para compreender a recusa observada nas fontes em relação às igrejas pentecostais, é preciso analisar certas características destes grupos, que levam à formação de argumentos contrários a sua constituição e a não-adesão destes sujeitos a estas religiões. Considerando a ampla utilização da mídia por certos agentes pentecostais, fato de extrema importância para sua expansão e adesão de novos membros, faz-se necessário também explorar os motivos que

¹⁵² HOOVER, Stewart M. “Media and Religion”. University of Colorado at Boulder, USA, 2008. p. 12.

¹⁵³ Ibidem, p. 13.

levam à adoção de tais técnicas publicitárias. As principais razões são de ordem econômica (pedidos de doação para custear despesas como da própria divulgação midiática), proselitista e legitimadora (para atribuir à igreja uma imagem de moderna e atualizada) ¹⁵⁴. Apesar da evidente importância que os meios de comunicação possuem na conversão para as igrejas pentecostais, é preciso problematizar a questão para compreender até que ponto a propaganda religiosa é eficaz em seu intuito e de que maneira ocorre a recepção deste material pelo público. Quais são os limites, portanto, que a mídia religiosa possui persuasão do público ¹⁵⁵. Levando-se em conta que o público geral tem acesso às mensagens vinculadas por estas igrejas através de suas vinculações na mídia, é importante analisar a maneira como tais conteúdos religiosos transmitidos pelos meios de comunicação são percebidos e apropriados pelos sujeitos que não freqüentam tais denominações.

Para Swatowski, a IURD e outras denominações religiosas com formato semelhante têm como principal argumento de recusa ao seu discurso por parte da audiência o rompimento de uma lógica e *ethos* católico de caridade e generosidade cristã, invertendo esta configuração ao propor e estimular seus fiéis (inclusive os mais pobres) a sacrificarem-se economicamente em prol da igreja. Por se basear nesta ideia de sacrifício para alcançar a prosperidade, pela insistência nos pedidos de doações, pela alta arrecadação de dinheiro por parte destas igrejas, elas tornam-se muitas vezes ilegítimas aos olhos de boa parte da população brasileira que desaprova tais práticas ¹⁵⁶. Outro fator importante a se considerar como base de recusa às igrejas pentecostais está na forma como estas se propõe a organizar a inserção social de seus membros na sociedade. Além de centralizar a arrecadação e distribuição do dinheiro, incentiva os fiéis a prosperarem e ascenderem socialmente beneficiando unicamente a si, rompendo com o princípio de “ajudar o próximo” tradicional do catolicismo, diferindo-se da ideia de ética da caridade do padrão católico. Isto leva à criação de um pensamento comum àqueles que rejeitam as mensagens

¹⁵⁴ SWATOWISKI, Claudia. Proselitismo midiático e as bases da recusa à Igreja Universal: um estudo de caso. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 11, 2009.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 133.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 151, 152.

religiosas do pentecostalismo de que estas somente “roubam dinheiro dos pobres”¹⁵⁷.

3.7 Evangélicos X Pentecostais

Quanto às disputas entre evangélicos e pentecostais, que é o que se verifica nas fontes presentes neste trabalho, embora os sujeitos dos *blogs* analisados não se intitulem pertencentes a nenhuma denominação religiosa, percebe-se pelo seu discurso que se colocam numa posição genérica de “evangélicos”, buscando salvar tal categoria das “distorções” cometidas por grupos pentecostais. Ao que se refere à “Guerra Santa” destes, se pensa principalmente nos ataques do pentecostalismo em relação às religiões afro-brasileiras¹⁵⁸. No entanto, existe este outro conflito que merece ser mencionado pela sua relevância e por se tratar de um assunto que envolve diretamente as fontes aqui analisadas: o confronto teológico de certos setores evangélicos contra fundamentos teológicos constituintes pentecostalismo. A principal crítica destes evangélicos está no caráter mercadológico que as igrejas pentecostais assumem, aspecto que vai de encontro com os pressupostos evangélicos. O que ocorre é uma demonização do outro, como forma de demonstrar o que é errado e não deve ser seguido, e o que é correto e deve ser adotado. Há também o embate com relação à doutrina intitulada “Teologia da Prosperidade” surgida dentro do pentecostalismo norte-americano que afirma o direito do fiel a exigir de Deus o cumprimento de seus pedidos, elemento constitutivo do pentecostalismo¹⁵⁹. Os argumentos evangélicos para combater tal doutrina são de que esta crença diminuiria o poder e autoridade divina na medida em que empodera os fiéis, dando abertura ao panteísmo. Também estimula o individualismo e hedonismo, aspectos considerados como desvios ao comportamento e crenças evangélicas¹⁶⁰. Isso está relacionado à doutrina de “guerra espiritual” presente no interior do universo evangélico, que consiste na

¹⁵⁷ SWATOWISKI, Op. Cit., p. 153.

¹⁵⁸ JUNGBLUT, A. L. “A guerra santa de evangélicos contra o neopentecostalismo”. Debates do NER, n.1, 1998 . p. 1.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 2.

¹⁶⁰ JUNGBLUT, Op. Cit., p. 3.

constante reflexão sobre o conflito entre Deus e o Diabo, podendo ser encontrado na Terra tal dualismo, fazendo com que estes grupos se tornem bastante exigentes em relação à defesa da fé cristã-evangélica, seja em relação às questões externas (mundanas) ou “internas” (dentro do meio evangélico)¹⁶¹.

Percebe-se, então, a aplicação da doutrina de “guerra espiritual” dos evangélicos com grupos pentecostais, uma vez que aqueles se veem como responsáveis por manter a integridade e ortodoxia da tradição evangélica. Os dois grupos, contudo, compartilham de bases teológicas comuns, como o próprio discurso legitimador de “guerra espiritual” direcionado a outras religiões (no caso neopentecostal, voltado às religiões afro-brasileiras)¹⁶². O enfoque destes ataques, no entanto, se difere, pois os neopentecostais não estão preocupados em dirigir acusações para o seu interior, e nem se detêm às críticas que recebem dentro do grupo evangélico, dando mais atenção às vinculações negativas que possui na mídia secular¹⁶³.

3.8 União dos Blogueiros Evangélicos (UBE)

Apesar dos *blogs* analisados não fazerem parte da “União dos Blogueiros Evangélicos”, é relevante para a presente pesquisa analisar a existência deste movimento, pois se relaciona com o grupo analisado, na medida em que propõe uma união evangélica interdenominacional no ciberespaço, tal qual nossas fontes argumentam, e se insere em uma categoria de religiosidade incorporada no contexto digital. A UBE constitui uma comunidade cristã evangélica interdenominacional criada em agosto de 2007 por Valdemir Milomem, Altair Germano e Esdras Benthó, responsável pela veiculação de mensagens relevantes à fé cristã. Em novembro de 2012 o blog já contava com 18.519 membros¹⁶⁴, demonstrando a amplitude do movimento e sua aceitação. Tal grupo possui também um manual de orientações voltado àqueles que desejam iniciar suas atividades como *blogueiro* evangélico,

¹⁶¹ Ibidem, p. 4.

¹⁶² Ibidem, p. 5.

¹⁶³ Ibidem, p. 6.

¹⁶⁴ BELLOTTI, K. K. “Ser cristão é muito louco: os usos da mídia para e pela juventude evangélica no Brasil (2000-2010)”. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH Maringá (PR) v.5, Edição Especial jan/2013. p.6

contendo sugestões de como agir na blogosfera, de forma a não ofender outras denominações, ou agir de maneira anti-ética. É aconselhado ainda que se convide o maior número de cristãos evangélicos a fazer parte da comunidade, de forma a veicular uma maior quantidade de conteúdo cristão na internet, impactando, dessa forma, o universo digital¹⁶⁵.

Nesse sentido, a internet tem funcionado como uma alternativa para escapar ao controle da autoridade institucional evangélica, oferecendo formas de expressão mais “livres”, ou seja, distantes de um controle mais rígido por parte da instituição religiosa¹⁶⁶. Ao mesmo tempo em que auxilia a destradicionalizar as instituições, criam novas formas de autoridade e identidades cristãs evangélicas, sem deixar de permitir a autonomia religiosa dos sujeitos, que na contemporaneidade encontram-se de forma crescente, responsáveis pela condução de sua religiosidade, e no ambiente virtual, estimulados a interagir entre si, compartilhando experiências e vivências sobre sua fé, tanto no espaço do meio de comunicação, quanto fora deste¹⁶⁷.

4. Afirmação e negação de identidades

4.1 A construção de identidades pela negação do outro

Optou-se por dividir o presente capítulo em duas partes: primeiramente abordar temas que se referem à construção da identidade evangélica através da negação da figura do outro. Para tal, postagens referentes à Feira de

¹⁶⁵ União dos Blogueiros Evangélicos – UBE, 2007. Disponível em: <<http://ubeblog.com>>

¹⁶⁶ BELLOTTI, “Ser cristão...” Op. Cit., p. 6. Em 13 de dezembro de 2013, registram-se 19.625 membros.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 8.

Exposição “Expocristã” e à figura do pastor Silas Malafaia foram escolhidas para demonstrar a forma como os agentes dos *blogs* analisados procuram construir sua identidade enquanto grupo evangélico criticando e apontando os desvios dentro do universo evangélico, ou seja: se afirmando enquanto grupo se baseando em como “não-ser”. Na segunda parte deste capítulo, investigo como se constrói o discurso de afirmação da identidade evangélica através de postagens que reiteram um modo de ser e pensar do cristão, procurando analisar o que é ser um cristão evangélico para estes grupos. A construção de identidade neste caso se dá pela afirmação de determinado *ethos* evangélico.

Selecionando postagens dos *blogs* “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo” que tivessem relação com as temáticas de dinheiro e religião e comercialização da fé, pode-se averiguar a presença de um grande número de textos em relação à “Expocristã” (Feira e Exposição Internacional do Consumidor Cristão) bem como a protestos e atos realizados por estes grupos nestes locais, com intuito de criticar a existência desse espaço e as atividades ali realizadas. Na postagem de 13 de setembro de 2010, denominada “Ainda há esperança para os puros de coração”, Paulo Siqueira cita a passagem bíblica de Lucas 17.12-19, em que dez leprosos pedem a Deus que os cure, e Deus diz a estes que vão até os sacerdotes para se curarem. Contudo, somente um dos enfermos retorna, o único entre os leprosos que era estrangeiro, para agradecer a glória alcançada, sendo também o único que possuía fé em Deus, o que fez com que se salvasse. Compara-se esta passagem com o que ocorre no ambiente da “Expocristã” e dentro de muitas igrejas pentecostais atualmente, o caso de muitos fiéis que buscam apenas as recompensas de Deus, e não em seguir as Escrituras propriamente, ou como o próprio autor afirma: “o povo evangélico só quer a „benção””.

A crítica à adequação de líderes religiosos a esta demanda por milagres do público das igrejas também está presente no discurso analisado, que acabam por transformar cultos em grandes mercados de milagres, espaços em que as bênçãos são solicitadas, sem haver uma reflexão teológica mais aprofundada, o que prejudica a formação de um verdadeiro “caráter cristão” nos membros destas igrejas. Segundo o autor, estes pastores, bispos e

apóstolos possuem grande ambição, o poder sobe-lhes à cabeça, e acabam se esquecendo do verdadeiro sentido da igreja e da evangelização, de propagar o “Evangelho puro e simples”, e não de transformar a fé em um grande mercado, oferecendo bênçãos aos fiéis em troca de dinheiro. Ainda em relação ao estado atual das igrejas evangélicas no Brasil, o autor levanta a questão da falta de ética no discurso e práticas de determinados grupos pentecostais, devido ao caráter mercantil e empresarial que a organização destas igrejas assume na atualidade:

“A igreja é reflexo para o mundo, quando falta ética na igreja imagine como vai ficar toda sociedade. Muitos líderes evangélicos mais se parecem empresários, porque na verdade suas igrejas são verdadeiras empresas, e muitas realmente são administradas desta forma”¹⁶⁸.

A Feira Internacional do Consumidor Cristão foi realizada de 2001 a 2012 em São Paulo, espaço em que cristãos de diversas denominações religiosas distintas podem encontrar os mais variados produtos como livros, DVD's, CD's que caracterizam bens culturais para o público cristão em geral¹⁶⁹. Aparece então como um exemplo claro desta forma de organização empresarial que determinados grupos religiosos assumem hoje, e em uma comparação à passagem bíblica em que Jesus expulsa os vendilhões do templo, Siqueira afirma que tal medida talvez seja muito extrema para os dias atuais, mas que sua luta contra tais medidas continuará em forma de seu movimento em prol da volta ao “Evangelho puro e simples” e pelo fim do mercado de bênçãos. Afirma ainda que a “Expocristã” poderia ser um local e evento legítimo, para divulgação da Palavra de Deus, mas que, no entanto, trata-se apenas de um mercado de bens religiosos, o que a torna negativa e falsamente cristã, sendo em diversas postagens chamada de “Expomamom”, referindo-se ao termo bíblico Mammon, que remete ao ganho desonesto e à cobiça.

“A Expocristã poderia ser uma luz em meio a tanta escuridão, poderia ser um local onde políticos e empresários descobrissem as verdadeiras riquezas do Reino de Deus, e não se tornar um local de

¹⁶⁸ SIQUEIRA, Paulo. Blog “As pedras clamam”, 2009. Disponível em: <<http://pedrasclamam.wordpress.com>>

¹⁶⁹ BELLOTTI, K. K. “Delas é o Reino dos Céus: Mídia Evangélica Infantil na Cultura Pós-moderna do Brasil (1950 a 2000)”, Campinas: UNICAMP, 2007. Tese (Doutorado), p. 10.

trocas e vendas e lucros desenfreados, por parte de muitos que se dizem cristãos”.¹⁷⁰

Novamente ressaltando o enfoque de sua crítica e o motivo pela qual considera tanto a “Expocristã” quanto tantas denominações religiosas atuais ilegítimas e deturpadoras da essência do cristianismo e protestantismo, afirma sua posição contrária ao caráter materialista que determinadas religiões assumem:

“Como uma pedra que clama no deserto, sei que não posso desanimar, mas confesso que a experiência dessa Expocristã demonstra que a luta é contra as bases de uma igreja contaminada por uma cultura de consumismo, materialismo, vida mundana, e outros pontos mais revelados na própria Palavra”.¹⁷¹

No *blog* “Uma estrangeira no mundo”, a postagem do dia 19 de fevereiro de 2012 com título “Silas Malafaia ensina o egoísmo para se ter uma „vida abençoada””, Vera Siqueira faz referência ao programa do pastor transmitido pela emissora de televisão *Rede Tv* chamado “Vitória em Cristo”, homônimo de sua denominação, associada à igreja Assembléia de Deus Vitória em Cristo. Neste programa, com título de “Conselhos para se ter uma vida abençoada III”, o pastor discursa como o fiel pode alcançar bênçãos na vida agindo da maneira correta. Segundo a autora do *blog*, se trata de mais uma forma de “auto-ajuda gospel de segunda categoria”, em que se ditam determinadas regras para se alcançar conforto material na terra. Um dos grandes problemas destes conselhos proferidos pelo pastor, para a autora, reside em sua base na Teologia da Prosperidade que, para ela, deturpa o verdadeiro evangelho de Cristo, por ser uma doutrina que prega a acomodação ao mundo e vai de encontro ao ascetismo tradicional do protestantismo. Portanto, trata-se na fonte analisada da Teologia da Prosperidade como um desvio do Cristianismo empregado pelos grupos pentecostais.

“No terceiro conselho, o Malafaia mostra os frutos de sua convivência na Teologia da Prosperidade, uma teologia sórdida e diabólica que visa conformar a Igreja com o mundo, no caso o mundo capitalista e globalizado de

¹⁷⁰SIQUEIRA, Paulo. Blog “As pedras clamam”, 2009. Disponível em: <<http://pedrasclamam.wordpress.com>>

¹⁷¹ Ibidem.

hoje. Essa teologia não forma cristãos conforme Cristo, mas com desejos consumistas e prazer na individualidade, na vitória única e exclusiva do Eu contra os demais homens e mulheres deste mundo. Enfim, nada diferente da competição do capitalismo, onde vale tudo para ser mais e melhor que o próximo”.¹⁷²

Os conselhos aos quais a autora se refere foram proferidos no programa do pastor Silas Malafaia, e o vídeo com trechos selecionados do mesmo encontram-se junto à postagem, dando destaque às partes da pregação em que o pastor dá determinados conselhos tidos como contraditórios e anti-éticos pela autora. No vídeo, Malafaia pergunta aos fiéis quem são aqueles que desejam ter uma vida abençoada, ao que boa parte dos presentes se manifesta positivamente. Malafaia então dá o primeiro conselho, incentiva o cultivo de uma vida social, para que possam ter contatos que os levem a alcançar determinados lugares sociais. Pois isolar-se do mundo não faz parte do que um cristão deve fazer para ser bem sucedido, e sim ter contato com o maior número de pessoas possível, para conseguir determinados benefícios, como por exemplo, a ascensão social e financeira. O segundo conselho que o pastor dá é que o fiel descanse, pois todo aquele que trabalha merece repousar merecidamente, a exemplo de Deus que também descansou no sétimo dia após a criação do mundo. Malafaia então brinca, e diz que ele próprio tira férias, e quando o faz, não gosta e nem quer que ninguém o incomode, podendo até mesmo morrer algum pastor amigo seu, se alguém telefonar para incomodá-lo durante seu este diria prontamente: “Manda uma coroa!”¹⁷³.

É esta atitude de ambição por posições sociais elevadas e *status* sugeridos no primeiro conselho pelo pastor se encaixa na Teologia da Prosperidade, criticada pela autora. Ao mesmo tempo em que se almeja crescimento financeiro e material, não há o amor cristão presente no discurso de Malafaia, segundo a autora, pois o único interesse presente é o da prosperidade pessoal, sem haver uma preocupação e responsabilidade com o

¹⁷² SIQUEIRA, Vera. Blog “Uma estrangeira no mundo”, 2009. Disponível em: <<http://estrangeira.wordpress.com>>

¹⁷³ “Silas Malafaia ensina o egoísmo para se ter uma „vida abençoada””. 19 de fevereiro de 2012. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JybskpXTwbo&list=UUa3j-HxmWROfMTJ3fEuJRg Consultado em: 01 de dezembro de 2013.

próximo, caracterizando uma atitude anti-ética e anti-cristã por parte de Silas Malafaia, segundo consta na fonte.

A expansão dos evangélicos pentecostais possibilitou a diversificação religiosa no país, passando de 4 milhões em 1980, 9 milhões em 1991, até os 18 milhões em 2000¹⁷⁴. O censo de 2010 já apontou para o aumento de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010 da população considerada evangélica pentecostal, em termos absolutos são 42,3 milhões de pessoas¹⁷⁵. O Brasil está, portanto, em um processo de reorganização e fragmentação do cristianismo, apontando para o favorecimento das Igrejas pentecostais. Esta reconfiguração do campo religioso nacional também interfere na forma como estes grupos são vistos socialmente. Neste sentido, pode-se compreender a negação ao pentecostalismo observada nas fontes através de um histórico de preconceitos em relação aos grupos pentecostais no Brasil. As três principais instâncias sociais responsáveis por que têm sido responsáveis pela veiculação de imagens e discursos sobre os pentecostais são os meios de comunicação de massa, a hierarquia católica e os círculos acadêmicos¹⁷⁶. O primeiro busca ressaltar a excentricidade e a ilegitimidade dos evangélicos, uma vez que o crescimento destes caracteriza uma nova concorrência na disputa pelo monopólio dos meios de comunicação de massa. Isto se dá de forma mais evidente a partir dos anos 1990, logo após a compra da Rede Record pelo bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal, em que foram frequentes as reportagens e matérias investigativas em relação a Macedo e sua igreja, que ameaçavam as demais redes de TV com sua concorrência, intrigava a todos pelo seu rápido desenvolvimento e expansão, e pela fortuna do bispo. Redes de televisão como a Manchete e principalmente Globo criticaram pesadamente as igrejas pentecostais pelos seus métodos e rituais, bem como afirmaram a

¹⁷⁴ ALVES, José Eustáquio Diniz; Barros, L.F.W ; CAVENAGHI, S. M. "A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia". *Rever* (PUCSP), v. 12, 2012, p. 151.

¹⁷⁵ ALTMANN, Walter. "Censo IBGE 2010 e Religião". *Horizonte* (PUC Minas), v. 10, n. 28, out/dez 2012. p. 1124.

¹⁷⁶ FRESTON, Paul. "Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment". Campinas: UNICAMP, 1993. 303 p. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. p. 6

ignorância e ingenuidade de seus fiéis por participarem de tal “seita” carregada de charlatanismo, segundo a imprensa¹⁷⁷.

A vinculação e exploração pela mídia de aspectos negativos do pentecostalismo, como a comercialização do sagrado e a exploração financeira dos fiéis teve grande impacto sobre a opinião pública, sendo cada vez mais freqüente a presença de opiniões contrárias e denúncias a estes grupos em sessões de leitores, em jornais e revistas de todo o país¹⁷⁸. O discurso da imprensa, neste período, é construído de forma a criar uma imagem de exotismo, excentricidade e ilegitimidade das igrejas evangélicas, através de um vocabulário específico e termos depreciativos¹⁷⁹. Além de destacar-se continuamente o caráter de fanatismo que as “seitas” (como as igrejas pentecostais normalmente são chamadas na mídia para descaracterizá-las como religiões “autênticas”) possuem, os fiéis são sempre colocados ou como vítimas indefesas das ações de pastores e líderes religiosos mal intencionados, ou como fanáticos desprovidos de senso crítico, desumanizando seu público¹⁸⁰.

Alguns fatores internos também expõem o pentecostalismo: por se tratar de um universo fragmentado, este fica suscetível a ataques por não possuir um núcleo centralizador que defenda sua imagem¹⁸¹. O tratamento hostil dado aos pentecostais no Brasil por estas esferas sociais também ocorre por não se aceitar este outro modelo de inserção religiosa na sociedade, que difere da tradição brasileira dominante. Estes também encontram-se em uma posição culturalmente vulnerável na sociedade brasileira por não possuírem raízes na cultura popular tal qual a Igreja Católica, nem ser associado a algum símbolo de identidade nacional. Por ser uma religião de público majoritariamente pobre, não há setores eruditos que a defendam¹⁸². Seu caráter protestante, que não possui relações com mitos de brasilidade tal qual o catolicismo e as religiões afro possuem também contribuem para esta negação, e por ser uma religião

¹⁷⁷ MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999. p. 70.

¹⁷⁸ CAMPOS, Leonildo Silveira. “Teatro, templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal”. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997. p.184.

¹⁷⁹ FRESTON, Op. Cit., p. 7.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 8.

¹⁸¹ Ibidem, p. 9.

¹⁸² Ibidem, p. 10.

que opera com o pluralismo religioso, inovando nesse aspecto no cenário religioso brasileiro¹⁸³. O sincretismo hierárquico caracteriza a tradição religiosa nacional, ou seja, as religiões se somam, mas aceitam a hegemonia da Igreja Católica enquanto instituição que está no topo das relações de forças entre as igrejas. No pluralismo, as religiões subtraem-se, negando tal hierarquia, e principalmente questionando a liderança católica e procurando competir no domínio da religiosidade popular. A polêmica das igrejas pentecostais reside nesta atitude de enfrentamento e questionamento da autoridade católica no cenário religioso brasileiro¹⁸⁴.

Faz-se necessário compreender a Teologia da Prosperidade, na medida em que é aspecto constituinte do neopentecostalismo e é o elemento dos grupos pentecostais mais combatido e criticado nas fontes. A origem da Teologia da Prosperidade se insere no contexto de acomodação ao mundo e diminuição gradual do ascetismo e sectarismo que ocorre no pentecostalismo nos Estados Unidos durante os anos 1940, e no Brasil a partir de 1970. Tal mudança se deu devido à modernização e ascensão social dos membros destas igrejas, um público majoritariamente oriundo de estratos mais pobres da população, que desejava participar e usufruir das inúmeras opções que o mercado de consumo e a indústria cultural ofereciam, e para tal, foi preciso adaptar as igrejas pentecostais ao mercado religioso e às novas demandas da sociedade. No Brasil, esta modificação ocorreu de forma mais acentuada com o crescimento do neopentecostalismo. Para legitimar esta mudança no pensamento religioso, é preciso criar uma concepção teológica que interpretasse os textos bíblicos de forma a atender aos desejos deste público, surge então a Teologia da Prosperidade¹⁸⁵.

A princípio, nos Estados Unidos na década de 1940 esta teologia surge com outras denominações como *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Movements* e *Positive Confession*. Ganha força e visibilidade a partir de 1970 pela adesão de grupos evangélicos carismáticos, se difundindo então para outros grupos cristãos, principalmente os pentecostais¹⁸⁶. O

¹⁸³ FRESTON, Op. Cit., p. 19.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 20.

¹⁸⁵ MARIANO, Op. Cit., p. 148, 149.

¹⁸⁶ MARIANO, Op. Cit., p. 151.

televangelismo norte-americano está intimamente relacionado à expansão da doutrina da prosperidade, por nomes como Oral Roberts, o televangelista precursor da pregação de conceitos como “Vida abundante”, retorno financeiro e prosperidade material na mídia televisiva. Os altos custos de utilização deste meio de comunicação atenuaram a necessidade de se arrecadar dinheiro nestas igrejas, acentuando o aspecto financeiro da teologia¹⁸⁷. A Confissão Positiva, crença essencial para entender a Teologia da Prosperidade é a ideia de que a verbalização tem poder, desde que realizada com fé, e é este poder que confere os direitos do cristão, assegurados pela Bíblia, de saúde, vitória, bênçãos e prosperidade financeira na vida. Não se trata de implorar a Deus, mas de reivindicar aquilo que o fiel tem direito, mas para tal é preciso agir conforme uma lógica de reciprocidade, ou seja: deve-se dar para receber as bênçãos¹⁸⁸.

As críticas dirigidas a esta doutrina em relação ao seu aspecto teológico, são sobre ir contra a soberania divina, e pelo fato do público destas igrejas serem predominantemente pobres, gerando discussões sobre a falta de ética e charlatanismo presentes no pentecostalismo. A inversão de valores essenciais do protestantismo também é alvo de críticas, ao valorizar muito mais o bem-estar dos cristãos neste mundo do que o martírio e ascetismo para redenção do porvir¹⁸⁹. Entre aqueles que realizam o combate à Teologia da Prosperidade, aparecem muitos evangélicos apontando os desvios cometidos por este pensamento. Uma das principais diferenças e incongruências que estes atribuem à Teologia da Prosperidade é a retirada da soberania de Deus, que deixa de ser detentor de poderes infinitos, aplicados tanto para o bem quanto para ações “más” (tidas como inexplicáveis, frutos de mistérios não-revelados), e passa a dividir este poder com os homens, e até mesmo com o Diabo, que é responsável por todos os males e, portanto, possui grandes poderes para causar tais danos¹⁹⁰. Também são criticados os perigos que o “fanatismo” associado a esta doutrina pode acarretar, levando o fiel a depositar

¹⁸⁷ Ibidem, p. 152.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 154.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 159.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 177.

muita confiança no poder da Teologia e das bênçãos, e acabar negligenciando importantes aspectos da vida¹⁹¹.

Tais questões envolvendo dinheiro e prosperidade suscitam discussões acerca da ética destas igrejas pentecostais, somando-se a isto o crescente número de escândalos envolvendo líderes pentecostais e os ataques da mídia. A imagem das lideranças destas denominações modificou-se com isto, passando de moralmente corretos para charlatães, enquanto os fiéis são associados à ingenuidade e ignorância¹⁹². A atuação da chamada “bancada evangélica” no Congresso Nacional e de diversos políticos religiosos, com relação ao mau uso do dinheiro público e escândalos diversos também auxiliaram a reforçar esta imagem negativa dos grupos evangélicos¹⁹³. Atribui-se à “mercantilização” de determinadas práticas religiosas um estigma, de caráter negativo, o que constitui uma contradição da atual sociedade capitalista, pois nesse sistema tudo é comercializável¹⁹⁴.

A forma como o pentecostalismo é exposto nas fontes demonstra uma forte aversão e negação dos valores, preceitos, rituais e crenças destes grupos, sendo muitas vezes descaracterizados como igrejas, e colocados em posição de “seitas” por seus críticos. Primeiramente utilizado em contexto acadêmico para entender as diferenças entre os grupos religiosos, o termo “seita” tem sido utilizado também como conceito para atacar e diferenciar determinadas manifestações religiosas que não se adaptam dentro dos limites estabelecidos pela ortodoxia institucional das religiões¹⁹⁵. O uso de tal denominação “seita-igreja” se tornou uma forma de expressar preconceitos e posicionamentos ideológicos e políticos contrários a determinados grupos, como é o caso de muitas denominações pentecostais. Devido a suas divisões internas, variedades teológicas e doutrinárias dentro do universo evangélico, existe o constante conflito entre as diferentes igrejas, que se acusam ora de serem “cismáticas”, ora “heréticas”. Desta forma, cada uma procura construir uma identidade que se relacione com a prática ortodoxa da Igreja, reservando

¹⁹¹ MARIANO, Op. Cit., p. 178

¹⁹² Ibidem, p. 180.

¹⁹³ Ibidem, p. 182.

¹⁹⁴ CAMPOS, Op. Cit., p. 177.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 37.

às demais uma posição inferior hierarquicamente, visto que são “seitas”, e portanto, ilegítimas¹⁹⁶. Esta hierarquização e crítica a aspectos do pentecostalismo constitui uma forma de construção de uma identidade evangélica pautada na negação dos valores do outro. Nos trechos selecionados das fontes analisadas, percebemos que tal crítica recai principalmente no caráter mercadológico presente em determinados grupos evangélicos, representado principalmente pela chamada Teologia da Prosperidade. Portanto, afirmando aquilo que consideram errado, herético, absurdo, os sujeitos das fontes analisadas constroem para si uma identidade, um conjunto de valores próprios que caracterizam aquilo que são e a que grupo pertencem com base na demonização do outro.

4.2 A construção de identidades pela afirmação de um modelo evangélico

A postagem denominada “Uma nova Reforma? Por quê? Mas já não temos uma?” de 31/10/2011 do *blog* “As Pedras Clamam” entra na segunda parte deste capítulo, em que procuramos investigar a forma como os agentes das fontes analisadas também constroem uma determinada identidade evangélica através de afirmações e exemplos a serem seguidas de comportamento e condutas tidas como corretas e legítimas para os grupos protestantes. Como a própria data de publicação e título da postagem sugerem, o *post* trata da Reforma Protestante, e o dia 31 de outubro é comemorado como marco do protestantismo, pois seria o dia em que foram publicadas as 95 teses de Martinho Lutero em 1517. Paulo Siqueira inicia seu texto atentando para o fato de uma data tão importante para os protestantes de todo o mundo ser esquecida pelas igrejas evangélicas brasileiras, e que este pouco apego à história do protestantismo leva aos desvios e abusos cometidos nas mesmas, “pois a Igreja evangélica brasileira não se fundamenta na história”.

Esse distanciamento das bases propagadas na Reforma Protestante pelas igrejas na atualidade são as queixas do autor na fonte. Para ele, diante do atual contexto de descaso e esquecimento dos fundamentos do

¹⁹⁶ CAMPOS, Op. Cit., p. 38.

protestantismo, é preciso realizar uma nova Reforma que dê fim às heresias, abusos, ao evangelho mágico e aos inúmeros desvios cometidos por líderes religiosos evangélicos constantemente. Como forma de comemoração da data e protesto, o autor afirma que o Movimento pela Ética Evangélica Brasileira saiu às ruas pregando nas portas e paredes de algumas denominações as teses de Lutero, como forma de lembrar as verdadeiras bases do protestantismo e da Reforma, atentar para a realidade da igreja na atualidade e para que o protestantismo tem uma história a ser lembrada e respeitada.



Figura 2- As teses de Lutero sendo afixadas nas portas de denominações religiosas. Imagem retirada do blog “As pedras clamam”, da postagem de 31/10/2011¹⁹⁷.

As bases da Reforma Protestante a que o autor se refere são de uma igreja participativa no mundo, uma igreja que atue e faça a diferença diante dos problemas e mazelas da contemporaneidade, que serve a Deus mas também ao mundo e aos outros à sua volta. A importância de seguir e honrar a Reforma está no fato de que esta lança as bases para uma forma de ser e agir da igreja e dos cristãos que é a mais humana e correta, ao contrário do que ocorreria com boa parte das igrejas evangélicas atuais que perderam tais pressupostos,

¹⁹⁷ Disponível em: <<http://pedrasclamam.wordpress.com/2011/10/31/uma-nova-reforma-por-que-mas-ja-nao-temos-uma>>

esqueceram de sua história e, por isso, cometem tantos erros e maculam a imagem do protestantismo e dos evangélicos em geral, segundo a fonte.

“Nesse dia, que possamos libertar o poder que na Reforma se esconde, que é o de contribuir para uma Igreja que seja significativa ao contexto de um mundo que sofre. Esse foi o contributo inconsciente de Lutero e dos demais Reformadores, e essa voz não pode se calar”.¹⁹⁸

Na postagem de 28/08/2012 com título “Pregar o evangelho de Jesus significa em desagradar aos homens” do *blog* “Uma estrangeira no mundo”, Vera Siqueira indaga o leitor se na igreja que este frequenta os cultos costumam ser muito alegres e no final o fiel se sente muito bem consigo. Se a resposta for positiva, ela logo alerta que provavelmente há algo errado com esta igreja. Relembrando a passagem bíblica que fala que o cristão deve morrer para o mundo, afirma que o Evangelho de Cristo não é reconfortante ou fácil de ser seguido, pois envolve inúmeros sacrifícios, a entrega total à palavra de Deus, aceitar que o pecado deve ser punido com total severidade. Baseia-se na igreja primitiva como modelo a ser seguido, pois neste período seguia a Cristo quem estava disposto a sofrer e a passar por grandes provações pela fé e pelo amor a Deus. O arrependimento constante estava presente na igreja primitiva, ao contrário da atualidade em que o fiel sente-se poderoso, salvo, com autonomia para fazer o que quiser, uma vez que já foi salvo por Cristo. A busca por bênçãos também é um aspecto ressaltado, que é muito presente nas igrejas evangélicas atualmente e nos primeiros tempos do cristianismo “Quem queria bênçãos financeiras e outras mais, continuava seguindo os sacerdotes e servindo a César”¹⁹⁹.

O que ocorre atualmente em muitas denominações evangélicas, conforme a autora, é o fato de líderes religiosos não terem coragem de pregar o que realmente consta na Bíblia, temerosos de perder seu público, pois o que está nas Escrituras são verdades difíceis de serem seguidas. Por isso, o que se observa são muitas promessas de retorno e prosperidade financeira,

¹⁹⁸SIQUEIRA, Paulo. Blog “As pedras clamam”, 2009. Disponível em: <<http://pedrasclamam.wordpress.com>>

¹⁹⁹SIQUEIRA, Vera. Blog “Uma estrangeira no mundo”, 2009. Disponível em: <<http://estrangeira.wordpress.com>>

músicas, líderes carismáticos, para atrair e agradar fiéis, mas não para pregar o verdadeiro evangelho, que para Vera Siqueira:

“O Evangelho de Jesus não é oba-oba, não é auto-ajuda, não existe para que fiquemos bem. Ao contrário, quanto mais conhecemos a Jesus e à Palavra, mais ficamos angustiados e temerosos. O verdadeiro seguidor de Cristo não consegue dormir direito, sabendo que tem uma fortuna particular e, lá fora, milhões de seres humanos (muitos deles também cristãos) estão morrendo de fome e de frio. O verdadeiro seguidor de Cristo não consegue viver um oba-oba gospel, sabendo que há milhares de cristãos nas masmorras, sendo torturados e mortos por terem optado por Jesus”.²⁰⁰

O verdadeiro cristão, portanto, deve procurar seguir o exemplo de Cristo, e viver como ele, de forma humilde, sem almejar riquezas ou bênçãos, e sem medo de desagradar aos outros, pois apesar de desagradar aos homens, aqueles que realmente possuem fé não se importam com estes desafios impostos aos fiéis, pois são eternamente gratos pela salvação eterna.

O protestantismo pode ser compreendido como construção histórica, uma vez que este se modificou ao longo do tempo, daquilo que era em seu início, se adaptando conforme a intervenção de seus agentes. Os diferentes grupos protestantes reafirmam suas crenças e valores através de referências que geram definições sobre noções como sagrado e profano, definindo identidades para concorrer com outros grupos religiosos ou seculares²⁰¹. Cada indivíduo evangélico, dentro de seu “circulo” procura defender suas tradições, destacando características que os distinguem dos outros grupos. A tradição religiosa, nesse contexto, não é vista como uma série de práticas estáticas, mas como um conjunto de doutrinas e rituais que se reconstroem historicamente no contato com os sujeitos²⁰². Estas divisões entre as denominações religiosas, baseadas em hierarquizações podem ser observadas, por exemplo, entre protestantes históricos e pentecostais. Os primeiros reivindicando para si uma herança da Reforma Protestante do século

²⁰⁰ SIQUEIRA, Vera. Blog “Uma estrangeira no mundo”, 2009. Disponível em: <<http://estrangeira.wordpress.com/>>

²⁰¹ BELLOTTI, Op. Cit., p. 22.

²⁰² BELLOTTI, Op. Cit., p. 23

XVI, como se observa nos grupos analisados nas fontes, enquanto os pentecostais são considerados muitas vezes como “seitas”, negando seu caráter de religião legítima, caracterizados como desvios do protestantismo e, portanto, ilegítimas²⁰³.

Mendonça ressalta a predileção dos grupos protestantes no Brasil, desde o início de sua presença no país no século XIX, pelo conceito de “evangélicos”. Trata-se, então, de uma auto-identificação destes cristãos não-católicos com esta categoria. Contudo, o uso do termo exige atenção, uma vez que é carregado de generalizações ao ser utilizado indiscriminadamente por não-evangélicos (principalmente nos meios de comunicação de massa e pela Igreja Católica)²⁰⁴. Para tal, é necessário diferenciar os distintos grupos existentes dentro do universo evangélico e definir com clareza o conceito de protestantismo brasileiro. Pode-se dividir as igrejas cristãs no mundo em quatro categorias: romana, ortodoxa, anglicana e protestante. Em relação à Reforma Protestante, desta se originaram três vertentes religiosas: anglicanos, luteranos e calvinistas, os dois últimos sendo considerados os protestantes propriamente ditos, que guardam os princípios da Reforma em suas diretrizes e se espalharam pelo restante do mundo em diferentes formas. Estas são as igrejas denominadas protestantes históricas, fazendo parte do grupo de igrejas oriundas da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas, por manterem para si os princípios reformadores do século XVI²⁰⁵. Trataremos do protestantismo histórico e suas características mais a fundo, uma vez que os agentes analisados nas fontes assumem para si uma identidade próxima ao protestantismo histórico, pelos motivos que serão expostos.

O protestantismo no Brasil, principalmente no que se refere às igrejas acima mencionadas nunca se identificaram com a cultura nacional por manterem dependência com valores da Reforma Protestante na Europa. Tais valores consistem basicamente no cultivo de uma religião individual, inspirada na interpretação do indivíduo sobre a bíblia, baseada em uma ética racional do

²⁰³ Ibidem, p. 24.

²⁰⁴ MENDONÇA, A. G. “O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas”. São Paulo, SP: USP, n. 67 (set-nov 2005). p. 50.

²⁰⁵ Ibidem, p. 51.

trabalho e na moral burguesa vitoriana²⁰⁶. No final do século XIX todas as igrejas protestantes históricas já haviam se instalado no Brasil, sendo que com exceção dos congregacionais de origem escocesa, todos os outros grupos de missão são de origem norte-americana. Estas assumem fortemente no Brasil uma característica do movimento religioso norte-americano do século XX do “Grande Despertamento”, criando uma doutrina teológica denominada “Teologia da Igreja Espiritual”, nascida no contexto de abolição da escravidão. Tal sistema teológico prega o afastamento da igreja de aspectos mundanos, políticos e sociais, cabendo à igreja apenas o que é de ordem espiritual. Por tal influência, o protestantismo no Brasil nesse momento se manteve afastado de aspectos políticos. O pré-milenarismo também auxiliou, nesse sentido, a propiciar o distanciamento de assuntos mundanos²⁰⁷.

De 1916 a 1952, o protestantismo no Brasil é marcado por uma fase de cooperação entre as diferentes denominações religiosas, buscando-se uma unidade em meio ao universo plural protestante²⁰⁸. Neste período ainda recente de instalação no Brasil, as igrejas protestantes históricas assumiram uma postura interdenominacional, até porque se tratava de uma estratégia de ingresso em um país que já possuía uma religião dominante, e as divisões internas gerariam maior dificuldade de penetração no país²⁰⁹. Apesar da existência de distintas sociedades missionárias no Brasil, luteranas, congregacionais e batistas, cada uma com suas características e peculiaridades, seguia-se uma uniformidade teológica pautada nos “avivamentos” e no metodismo de modelo norte-americano²¹⁰. Esta certa unidade corroborou para um colaboracionismo entre as diferentes igrejas protestantes durante o século XIX, com exceção à Igreja Batista²¹¹.

É deste período de intensas mudanças para tais grupos o surgimento do movimento do “Evangelho Social”, relacionado ao liberalismo teológico protestante, pregando uma teologia muito mais ativa e participativa no mundo,

²⁰⁶ MENDONÇA, Op. Cit., p. 52.

²⁰⁷ Ibidem, p. 54

²⁰⁸ Ibidem, p. 55.

²⁰⁹ MENDONÇA, A. G. “O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil”. São Paulo: Editora da USP, 2008. p. 288.

²¹⁰ Ibidem, p. 289.

²¹¹ MENDONÇA, “O protestantismo no Brasil...”. Op. Cit., p. 295.

ao invés de algo metafísico²¹². Alguns traços marxistas podem ser percebidos neste movimento que foi banido no Brasil, mas que apesar disto conseguiu ter repercussão através dos “centros sociais” de assistência às pessoas mais pobres, que se desenvolveu nas maiores igrejas protestantes locais. Sobre o “Evangelho Social” e ecumenismo no Brasil, Barreto explica que apesar das características marcadamente voltadas ao individual, e não ao social do protestantismo no Brasil, esperava-se que esta nova fé teria forte impacto sobre a sociedade brasileira, neste contexto de adaptação do passado nacional colonial a uma sociedade moderna. É neste contexto que a aliança entre o protestantismo liberal vindo da América do Norte com lideranças protestantes latino-americanas impulsionaram as discussões acerca de protestantismo e democracia, na década de 1930²¹³.

Erasmio Braga (1877-1932), de origem presbiteriana, foi um importante nome neste momento para a organização do movimento ecumênico na América Latina, ressaltando que os aspectos individualistas e sectários da igreja protestante brasileira deveriam ser superados, uma vez que serviam de obstáculo para a inserção da igreja no Brasil, dificultando sua relação com a sociedade brasileira²¹⁴. Desta forma, Braga auxiliou na relação das igrejas evangélicas com a sociedade, destacando a importância da educação e da cooperação interdenominacional para reforçar valores cristãos e modificar, desta maneira, o contexto brasileiro²¹⁵.

Enquanto ao longo do século XIX a fé protestante possuía traços ainda marcadamente estrangeiros, no início sendo professada por poucos imigrantes, e posteriormente com a instalação das principais igrejas protestantes históricas congregacionais (1855) e episcopais (1889) no país, durante o século XX inicia-se um processo de nacionalização do protestantismo no Brasil. É neste momento que se iniciam algumas iniciativas protestantes cooperativas não-denominacionais, como a Aliança Evangélica de São Paulo, em 1902, promovendo a união entre as igrejas evangélicas para a evangelização

²¹² Ibidem, p. 57.

²¹³ BARRETO, Raimundo. “O movimento ecumênico e o surgimento da Responsabilidade Civil no protestantismo brasileiro”. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 13, n. 1 e 2. p. 279.

²¹⁴ Ibidem, p. 280, 281.

²¹⁵ Ibidem, P. 282.

nacional²¹⁶. Houve também posteriormente tentativas de criação de entidades não-denominacionais com o intuito de estimular a cooperação entre as igrejas evangélicas brasileiras, sendo a principal a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), criada em 1934²¹⁷.

Apesar do espírito de cooperação entre as denominações, faltava ainda uma ação política mais acentuada por parte destes grupos. Com o desenvolvimento do Movimento Estudantil Cristão (MEC) do Brasil, na década de 1940, e criação do Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI) em 1955 se inicia então um processo de engajamento social e político por parte de jovens líderes cristãos, permitindo uma maior inserção do protestantismo na realidade brasileira, dialogando com o país e suas questões²¹⁸. Tais movimentos possibilitaram o desenvolvimento de uma ética social protestante mais progressista, comprometida com questões de responsabilidade social e mudança das estruturas sociais do país. O movimento ecumênico ficou marcado pelo esforço de reunir estruturas eclesiais, mas principalmente em dialogar com a sociedade e suas demandas, independente de uma estrutura institucional²¹⁹.

A União Cristã dos Estudantes do Brasil, uma das primeiras organizações cristãs a iniciarem atividades e discussões políticas do período, nos anos 1950 ganhou força e representatividade por todo o país, articulando questões sobre ética e teologia, questionando criticamente suas bases teológicas, e dando início a uma visão religiosa que convoca os fiéis a agirem na sociedade, assim como Deus está presente e atuando no mundo²²⁰. As transformações pela qual passava o país neste momento levavam a necessidade de se formular novos paradigmas teológicos que pudessem pautar a experiência e ação destes agentes neste processo histórico. É neste momento de grande efervescência e debates dentro do protestantismo brasileiro que se instaura o Regime Militar, em 1964, dando fim a estes movimentos cristãos de inserção e intervenção na sociedade²²¹. Apesar de seu

²¹⁶ BARRETO, Op. Cit., p. 285 e 286.

²¹⁷ Ibidem, p. 287.

²¹⁸ Ibidem, p. 289.

²¹⁹ Ibidem, p. 292, 293.

²²⁰ Ibidem, p. 300.

²²¹ BARRETO, Op. Cit., P. 302.

fim brusco, o movimento ecumênico no Brasil foi influente para outros países da América Latina, tendo papel de destaque na associação entre teologia cristã e responsabilidade social. Atualmente, contudo, o ecumenismo perdeu seu poder de diálogo com a sociedade, que possuía nas décadas de 1950 e início de 1960, principalmente entre os cristãos evangélicos e pentecostais, por conta de sua linguagem teológica que acaba criando certo distanciamento entre estes grupos²²².

Vale ressaltar também que como forma de reação ao movimento ecumênico e ao liberalismo teológico, surge o fundamentalismo, na defesa da ortodoxia protestante e afirmação da infalibilidade da Bíblia. Neste contexto, forma-se o conflituoso e contraditório cenário protestante brasileiro, representado no campo internacional de um lado pelo Conselho Internacional de Igrejas, ideologicamente fundamentalista, de outro pelo Conselho Mundial de Igrejas, de caráter ecumênico, tendo grande influência sobre as igrejas protestantes brasileiras, que neste período iniciaram forte politização de seus setores jovens²²³.

O início dos anos 1950 presencia o ingresso pentecostal no Brasil, com surgimento através da Cruzada Nacional de Evangelização, que promove as chamadas “tendas de cura divina” por todo o país. Passa-se por um momento de crescimento e industrialização das cidades, acarretado pelo êxodo rural, causando um descompromisso com as igrejas de origem destas populações migrantes e busca de uma religião com mais praticidade e relação com a vivência destes indivíduos. Esta nova onda pentecostal atinge também as igrejas protestantes tradicionais, com seu forte apelo à cura divina, influenciando muitos líderes religiosos a fundarem igrejas pentecostais, e atraindo muitos fiéis para esta nova forma de religião que surgia²²⁴. O período de 1962 a 1983, por sua vez, é marcado pelo isolacionismo e repressão das igrejas protestantes, que encontram nos setores conservadores das igrejas o combate ao ecumenismo, então associado ao comunismo, o fundamentalismo

²²² Ibidem, P. 312, 313.

²²³ MENDONÇA, “O protestantismo no Brasil...” Op. Cit., p. 59.

²²⁴ MENDONÇA, “O celeste porvir...” Op. Cit., p. 61.

dentro e fora das igrejas que, aos poucos, auxilia na desagregação das alas religiosas liberais, e a própria supressão Regime Militar²²⁵.

A conjuntura internacional de Guerra Fria auxiliava na predominância conservadora dentro das igrejas por influência do bloco capitalista, agravando o sentimento antiecumênico e anticomunista. A entrada do movimento carismático no interior das igrejas protestantes históricas, bem como o avanço do neopentecostalismo também geraram grandes divisões e perdas para estas igrejas²²⁶.

Observa-se com a análise do movimento ecumênico e do liberalismo teológico durante a história do protestantismo no Brasil, uma correlação de tal movimento com algumas idéias e conceitos analisados nas fontes. A intervenção social e atuação do cristão no mundo são aspectos plenamente valorizados pelos agentes das fontes, ocorrendo portanto, um resgate de dimensões do ecumenismo por parte destes sujeitos.

O que identifica e correlaciona teologicamente estas diferentes igrejas do protestantismo histórico de missão são principalmente, três características: avivalismo, polêmica e moralismo, tendo por objetivo, respectivamente a conversão, a afirmação da verdade do protestantismo em contraposição ao catolicismo, e apresentação de valores morais e de conduta diferenciados²²⁷. Apesar da importância do sentimento nos rituais de conversão, o lado intelectual, a adesão do indivíduo pelo conhecimento é parte essencial nas igrejas protestantes no Brasil²²⁸. Isto pode ser observado nas fontes, ao se salientar a necessidade de um apego maior por parte dos líderes pentecostais e aos membros destas igrejas à bíblia, aos aspectos teológicos, e não tanta ênfase na emoção, que é o que geralmente ocorre nos cultos pentecostais.

Outro importante aspecto do protestantismo no Brasil é seu caráter peregrino, ao encarar o mundo e a vida como lugar de peregrinação, provisório, sem garantias e rodeado de inimigos, caracterizados pelos valores da sociedade atual, corrompidos. Há o sentimento de ser um estrangeiro no mundo, pois a vida é apenas um caminho árduo até o céu. As fontes

²²⁵ MENDONÇA, "O celeste porvir..." Op. Cit., p. 64.

²²⁶ Ibidem, p. 65.

²²⁷ Ibidem, p. 298.

²²⁸ Ibidem, p. 323.

analisadas apontam para esta característica do protestantismo histórico, de sofrimento e peregrinação pelo mundo, não sendo papel do cristão viver confortavelmente em meio a luxos, ostentações, e almejando prosperidade material. Mas sim seguir o exemplo, viver como este viveu, de forma humilde, lutando diariamente para seguir seu evangelho e propagar a verdade para aqueles que estão afastados dela. Tal postura pode ser observada em ambas as postagens apresentadas anteriormente, sendo que na primeira delas, do *blog* “As pedras clamam”, chamada “Uma nova Reforma? Por quê? Mas já não temos uma?”, se busca lembrar e recuperar a importância da Reforma Protestante e seus valores para as igrejas evangélicas atualmente, disseminando as teses pelas portas das igrejas, propagando tais valores para que todos possam vê-los. Na outra postagem do *blog* “Uma estrangeira no mundo”, com título “Pregar o evangelho de Jesus significa em desagradar aos homens”, a autora busca demonstrar como um verdadeiro cristão deve se comportar, agindo conforme Jesus agiu no mundo, de maneira sofredora, humilde, desagradando aos homens e criando inimigos, sentindo-se, como o próprio título do *blog* sugere, um estrangeiro no mundo.

O “protestantismo guerreiro” também está presente neste segmento religioso, observando-se tal aspecto nas fontes analisadas. Faz-se um combate ao mal, recrutando cristãos para a disputa espiritual contra as forças malignas. O protestantismo, nesse sentido, assumiu uma postura anti-católica como forma de auto-identificação²²⁹. No caso das fontes, o mal é representado pelas igrejas pentecostais, seus líderes e preceitos que corrompem os verdadeiros valores protestantes. A batalha, no caso analisado, não é contra o catolicismo, mas contra grupos pentecostais como forma de afirmação, mantendo esta postura combativa e polemizante para assegurar sua identidade própria de grupo.

O liberalismo teológico constitui também uma parte integrante do pensamento dos grupos analisados nas fontes, pois afirma a possibilidade de transformação da consciência individual em coletiva ou social, destacando o papel do sujeito cristão em modificar o ambiente social em que se insere, corroborando para a construção de um mundo melhor. A ênfase não é tão

²²⁹ MENDONÇA, “O celeste porvir...” Op. Cit., p. 348.

grande na vida após a morte, mas no aqui e agora, sendo os homens responsáveis pela edificação do Reino de Deus na Terra (isto é, pós-milenarista). A visão que se incorporou ao pensamento protestante institucionalizado no Brasil, contudo, com ênfase pré-milenarista, foi mais influenciado pelo fundamentalismo, que dá maior destaque à segunda vinda de Cristo e à ação do sobrenatural do que à intervenção humana para geração de mudanças sociais²³⁰. Neste aspecto, é possível observar a diferença dos grupos evangélicos analisados nas fontes, de condutas e crenças institucionalizadas do protestantismo histórico. Embora em muitos aspectos estes sujeitos assumam uma identidade próxima a esta vertente, se diferenciam deste justamente por declarar sua desvinculação de qualquer denominação religiosa, aproximando-se muito mais nesse sentido de uma identidade que o próprio grupo construiu para si, pautando-se em uma recuperação de valores originais da Reforma Protestante, tal qual os protestantes históricos, mas também a recuperação de aspectos do movimento ecumênico e do Evangelho Social. Fazem isso visando à intervenção do cristão no mundo, agindo e atuando para modificar a sociedade em que vivem, seguindo os preceitos protestantes, e combatendo aqueles que buscam desvirtuar os valores evangélicos que estes consideram corretos, no caso, os grupos pentecostais.

²³⁰ MENDONÇA, “O celeste porvir...” Op. Cit., p. 352.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou desenvolver ao longo de seu trajeto uma investigação acerca da construção de identidades no ambiente virtual, pautado na diferenciação do outro. A relação de alteridade que se estabelece, nesse caso, é em relação aos grupos pentecostais, criticados ao longo das postagens realizadas nos *blogs* “As pedras clamam” e “Uma estrangeira no mundo”. No primeiro capítulo, com a exposição dos grandes temas que permeiam esta pesquisa, pude perceber a forma como a religião se encontra atualmente imbricada na mídia, de forma que ambas acabam se modificando neste processo. A convergência das mídias e atuação dos sujeitos neste novo contexto permite uma maior participação e interatividade entre os indivíduos, fazendo com que se modifique o papel e função das mídias na contemporaneidade, que incorporam o público consumidor como parte dos produtores de informações. A religião se modifica nesse contexto ao se adaptar e adentrar a este universo midiático, tendo que aceitar a relativa perda de autoridade religiosa e institucional que os meios de comunicação de massa permitem. Ao se midiaticizar, a religião acaba também por empoderar os sujeitos que decidem e controlam a forma pela qual consomem sua religiosidade. Ao contrário do que se esperava, contudo, a tendência de secularização da sociedade se mostra problemática, uma vez que os indivíduos continuam a consumir e procurar formas de religiosidade, só que agora pautadas crescentemente em suas próprias escolhas e apropriações, indo de encontro com a autoridade religiosa institucionalizada.

A crise das identidades culturais na contemporaneidade, causada pela desagregação das velhas bases e verdades que orientavam os homens, reforçam agora a busca dos indivíduos por novas formas de afirmação e de criações identitárias, que se modificam continuamente, se alternando e se adaptando conforme o contexto que é colocado. Esta busca pela criação de novas identidades encontra lugar, muitas vezes, nas mídias, ou, como é o caso das fontes analisadas, no terceiro espaço, ambiente virtual que permite a criação de comunidades para debates, trocas de experiências e criações

coletivas que podem atuar dentro e fora do ciberespaço, configurando-se também como uma nova forma de ativismo digital.

Em relação à crítica produzida pelas fontes ao pentecostalismo, a principal queixa a estes grupos recai no seu aspecto mercadológico, de comercialização da religião, que é visto como anti-ético e deturpador dos princípios protestantes pelos agentes das fontes. Tal atitude configura certa contradição na atual sociedade contemporânea capitalista, uma vez que tudo o que nos circunda é passível de ser mercantilizado, podendo ser encontrado a comercialização de praticamente todos os aspectos da vida. Quando se refere à comercialização de religião, no entanto, há uma aversão a tais práticas, consideradas imorais. Tais sujeitos, ao mesmo tempo em que constroem uma identidade demonizando a figura do pentecostalismo, constroem também uma identificação com uma maneira de ser e agir evangélico, que se baseia em práticas e pensamentos derivados da Reforma Protestante e que seriam, portanto, legítimas e verdadeiras. Ao procurarem assumir para si esta identidade da Reforma, assumem uma forma próxima ao protestantismo histórico, procurando ressaltar sempre sua autenticidade em relação à essência do protestantismo. Este discurso crítico aos grupos pentecostais se insere dentro de uma longa tradição de preconceitos aos evangélicos neo/pentecostais no Brasil, o que demonstra a continuidade de tal comportamento na História, mesmo dentro de um universo que também se declara evangélico, mas que procura criar diferenciações dentro deste ambiente.

Outro aspecto que pôde ser observado ao longo das análises realizadas neste trabalho foi a recuperação de algumas características do ecumenismo da primeira metade do século XX no Brasil, pelos sujeitos das fontes. Estes traços são visíveis através de afirmações de ação política e social no mundo por parte do cristão, que deve atuar e provocar mudanças na sociedade, principalmente no cenário religioso brasileiro marcado pelas deturpações pentecostais. Essa atitude de intervenção no mundo demonstra que, apesar de em certos aspectos estes indivíduos se aproximarem de uma identidade do protestantismo histórico, se diferenciam deste por não manterem o ascetismo e sectarismo que caracterizou parte de sua história, mas pelo

contrário, procurar intervir social e politicamente na realidade brasileira. Demonstram com isso assumir uma outra face do protestantismo histórico, através do ciberativismo, que mobiliza forças dentro do universo evangélico, para a atuação na sociedade, realizando protestos e movimentos que buscam modificar a forma como se organiza o cenário religioso brasileiro atual. Tal postura demonstra a ampla aceitação que estas ideias contrárias a determinados princípios pentecostais possui não só entre evangélicos, mas também fora deste círculo. O que novamente nos remete aos preconceitos reproduzidos ao longo da história nacional em relação a este grupo.

Pude me aproximar durante a realização desta pesquisa, de um universo que me era desconhecido, por não possuir nenhuma religião. O que eu conhecia a respeito era somente aquilo que vinha através da mídia, mas sempre tive a curiosidade de me aproximar deste universo e compreendê-lo mais a fundo. Nas minhas investigações, pude perceber o quanto das minhas concepções sobre o tema estavam permeadas por preconceitos, oriundos deste longo histórico de conceitos pré-concebidos e imagens apressadas construídas em relação aos evangélicos no Brasil. Estudando o assunto e me aproximando de meu objeto, pude refletir melhor acerca das especificidades religiosas e diferenciações internas deste grupo, percebendo o quão importante é compreender o assunto historicamente, a fim de compreender como se constrói tal grupo e, desta forma, respeitar a diferença existente entre nós mesmos e o “outro”.

6. FONTES

SIQUEIRA, Vera. *Blog* “Uma estrangeira no mundo”, 2009. Disponível em:

<<http://estrangeira.wordpress.com>>

SIQUEIRA, Paulo. *Blog* “As pedras clamam”, 2009. Disponível em:

<<http://pedrasclamam.wordpress.com>>

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Walter. Censo IBGE 2010 e Religião. Horizonte (PUC Minas), v. 10, n. 28, out/dez 2012.

ALVES, José Eustáquio Diniz; Barros, L.F.W ; CAVENAGHI, S. M. . A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. Rever (PUCSP), v. 12, 2012.

BARRETO, Raimundo. “O movimento ecumênico e o surgimento da Responsabilidade Civil no protestantismo brasileiro”. Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 13, n. 1 e 2.

BAUMAN, Zygmunt. “Religião pós-moderna?”. In: O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BELLOTTI, K. K. “Delas é o Reino dos Céus: Mídia Evangélica Infantil na Cultura Pós-moderna do Brasil (1950 a 2000)”, Campinas: UNICAMP, 2007. Tese (Doutorado).

BELLOTTI, K. K. Mídia, Religião e História Cultural. REVER (PUCSP), v. 4, p 100, 2004.

BELLOTTI, K. K. “Ser cristão é muito louco: os usos da mídia para e pela juventude evangélica no Brasil (2000-2010)”. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH Maringá (PR) v.5, Edição Especial jan/2013.

CAMPOS, Leonildo. Evangélicos e mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos. REVER (PUCSP Online) v. 4.

CAMPOS, Leonildo Silveira. “Teatro, templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal”. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CUNHA, Magali. A Explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil : da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade”. 8a edição. Rio de Janeiro: DP&A,

HOOVER, Stewart M. “Media and Religion”. University of Colorado at Boulder, USA, 2008.

HOOVER, Stewart M. Religion in the media age. New York: Routledge, 2006.

HOOVER, Stewart M; ECHCHAIBI, Nabil. The “third spaces” of digital religion, Center for Media, Religion and Culture, University of Colorado, 2012.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009

JUNGBLUT, A. L. “A guerra santa de evangélicos contra o neopentecostalismo”. Debates do NER, n.1, 1998 .

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. REVER (PUCSP Online) v. 4, p. 69, 2008.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição”. In: Faustino Teixeira; Renata Menezes (Org.). As religiões no Brasil, continuidades e rupturas. 1a ed: Editora Vozes, 2006, v.1, p. 90-110.

MENDONÇA, A. G. “O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil”. São Paulo: Editora da USP, 2008.

MENDONÇA, A. G. “O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas”. São Paulo, SP: USP, n. 67 (set-nov 2005).

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para tipificação da blogosfera. Revista FAMECOS, v. 36. Porto Alegre, 2008.

SWATOWISKI, Claudia. Proselitismo midiático e as bases da recusa à Igreja Universal: um estudo de caso. Ciencias Sociales y Religión, v. 11, 2009.

SITES:

“Gospel Prime”, 2011. Disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/blog-de-apologetica-pode-virar-igreja>

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>

SIQUEIRA, Paulo. Blog “As pedras clamam”, 2009. Disponível em: <http://pedrasclamam.wordpress.com>

SIQUEIRA, Vera. Blog “Uma estrangeira no mundo”, 2009. Disponível em: <http://estrangeira.wordpress.com>

União dos Blogueiros Evangélicos – UBE, 2007. Disponível em: <http://ubeblog.com>